

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

LAÍS CERONI PARAIZO
TIA: 3134559-1

**Conexões: Requalificação do edifício da antiga sede da Associação
Auxiliadora das Classes Laboriosas**

SÃO PAULO
Junho/ 2019

CONEXÃO (s.f.):

1. Ligação, união, vínculo.
2. Relação lógica ou casual; nexo, coerência.

Conexão entre:

Cidade e cidadão;

Antigo e novo;

Passado e presente;

Uso e usuário;

Cidade e memória.

SUMÁRIO

Introdução	04
I. São Paulo: surgimento, evolução e memórias	10
II. Patrimônio histórico: o que é?	21
III. Associação das Classes Laboriosas e o edifício	25
IV. Resultado pesquisa:	
Associação das Classes Laboriosas x Estudo de projeto de requalificação do edifício	46
V. Conclusão	64
VI. Referências bibliográficas	66

INTRODUÇÃO

Ao percorrer a cidade de São Paulo, é possível encontrar diversos edifícios subutilizados, abandonados e alguns, até em ruínas. Esse tipo de situação é tão corriqueiro para os cidadãos da cidade, principalmente para aqueles que circulam pelas áreas centrais, que muitos nem se dão conta da inestimável perda pelo qual estão passando: perda cultural, histórica, artística e espacial. Isto quando não, por algum desastre, negligência ou até mesmo proposital para dar lugar a uma nova construção, alguns edifícios terminam inteiros ao chão. Independente das diversas opiniões que permeiam esse assunto, ou da razão da ocorrência desses infortúnios, estes edifícios são tratados com descaso e deixados à mercê do abandono.

Sabe-se que as grandes metrópoles estão em constante crescimento, tanto populacional quanto economicamente, e, devido a isso, sofrem bruscas mudanças nas quais, em um curto espaço de tempo, edifícios de pouco mais de 10 ou 15 anos são considerados velhos. Estas alterações de mentalidade se refletem na sociedade e no estilo de vida dos residentes, na produção arquitetônica e artística. Neste tipo de cidade em que vivemos, é impossível às novas gerações imaginarem o que era a cidade há menos de 2 ou 3 gerações, devido a falta de testemunhos que marcaram os anos passados.

A produção arquitetônica é realizada a todo o momento na cidade nas quais são atribuídos usos diversos, tais como, comércio, serviços, habitações e usos institucionais. E os períodos e mudanças pelos quais a cidade passa, sejam estes políticos, econômicos ou culturais, são refletidos nestas produções arquitetônicas. Logo, pode-se constatar que a arquitetura é um dos remanescentes das intensas mudanças e fazem parte fundamental da memória da cidade.

Com isso, deve-se tornar possível atribuir valores culturais a estas arquiteturas que se referem à determinada época econômica e produção social da cidade, para que o passado seja lembrado e conhecido no presente e

futuro pelas próximas gerações e, para isso, se faz necessário encontrar meios práticos para que seja possível recuperar informações que levem a esses juízos de valor.

Outro fator inerente a uma megalópole como São Paulo é o fato de que o ato de construir é constantemente realizado. Os edifícios, cada vez mais altos, são rapidamente “colocados em pé” e “a metrópole se apresenta com os espaços sendo construídos em grandes escalas, sendo congestionados pela concentração de uso e degradados rapidamente. Essa massificação e reciclagem aceleradas apagam a memória, o conhecimento e os valores”¹. Enquanto isso, muitos dos edifícios antigos e tombados são deixados de lado para dar espaço para construções mais modernas, desvalorizando a história e deixando cair no esquecimento todas as memórias que foram criadas nestes locais por gerações anteriores.

Com isso, entender como edifícios deste caráter são tratados na cidade e como deveriam ser melhores tratados, evitando o abandono e degradação, nos leva a criar propostas para a utilização das antigas arquiteturas, consistindo em um ideal a ser seguido, sempre buscando a inclusão da população nestes espaços. Deste modo, acredita-se que o interesse cultural e econômico na preservação de testemunhos do passado possa ser o futuro da metrópole contemporânea.

O presente trabalho busca evidenciar como o edifício da antiga sede da Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas aparece na cidade de São Paulo, passando pela história, construção até sua atual situação, pois “nas obras e nas formas de sua produção e uso, é possível compreender as condições de vida e as etapas de evolução das cidades. O espaço organizado e construído configura, em boa parte, as relações sociais”, como bem colocou Nestor Goulart Reis em seu livro². Desta maneira, apresentando a possibilidade de atribuição de

1 REIS FILHO, Nestor Goulart. “São Paulo e outras cidades: produção social e degradação dos espaços urbanos”. São Paulo: Hucitec, 1994. Página 25.

2 Citação encontrada na Introdução, página 9 do livro “São Paulo e outras cidades: Produção social e degradação dos espaços públicos” escrito por Nestor Goulart Reis Filho, arquiteto e urbanista e, graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo.



Figura 1: Foto do edifício em questão e seu estado atual
| Foto tirada por Laís Paraizo, Outubro de 2018.

novos usos, restauração e requalificação do edifício para a “re-
ligação” deste ao contexto urbano onde está inserido, deixando
de ser um edifício fechado e degradado, e tornando utilizável
pela população. Assim, com a conservação da arquitetura da
sede sindical, é possível manter a memória viva de uma época
da cidade em que foi construída e de diversas atividades sindi-
cais que tiveram como palco essa arquitetura.

O antigo edifício da Associação Auxiliadora das Classes
Laboriosas está localizado na Rua Roberto Simonsen, 22, no
distrito da Sé próximo a Catedral da Sé, coração da cidade de
São Paulo. Este prédio foi sede de uma organização de operá-
rios imigrantes europeus urbanos que promovia serviços médi-
cos e sociais para trabalhadores da construção civil e carpinta-
ria, e tinham o propósito de gerar cooperativas para melhorar as

relações entre trabalhadores e patrões. Além disso, a Associação era utilizada para organização de assembleias,
peças de teatro e encontros.

A história da associação inicia-se no final do século XIX, momento que o Brasil tinha sua economia principal
baseada na agricultura, grande população de imigrantes e escravos livres, e ainda não possuía um sistema in-
dustrial consolidado, como outros países europeus. Após grandes transformações econômicas e sociais ocorri-
das na cidade de São Paulo, como a construção das linhas férreas que conectava o Porto de Santos ao interior
da cidade, foi possível iniciar o processo de industrialização e assim, o desenvolvimento urbano. Com o início da
industrialização, pequenos núcleos urbanos e cidades cresceram, formando novos centros próximos às fábricas

e indústrias, modificando a estrutura e aparência da cidade. É nesse momento da instauração de fábricas, necessidade de mão de obra e desenvolvimento urbano que a imigração europeia cresce exponencialmente com a chegada de trabalhadores em busca de novas oportunidades de emprego e mudança de vida.

Com o grande acúmulo de pessoas em busca de trabalho na cidade de São Paulo, urbana e industrializada, a mão de obra era considerada barata e sofria grande exploração pelos empresários industriais. Por isso, um grupo de carpinteiros e pedreiros da construção civil decidiu criar, no final do século XIX, um grupo de ajuda mútua que representasse todos os trabalhadores. De início, em 1891, foi chamada de Associação Auxiliadora de Carpinteiros e Pedreiros 31 de Maio e visava fornecer serviços médicos e dentários para os imigrantes que lutavam pela reivindicação de melhores condições de trabalho. O principal objetivo do projeto era criar cooperativas para desenvolver a construção civil e regularizar as questões de trabalho entre operário e patrão, desde negociações até os mais diversos cuidados a esses proletariados.

Após quase uma década do início da associação e o bom funcionamento, decidiu-se reorganizar o grupo e modificar o nome para Laboriosas³, podendo aumentar o alcance de atendimento para um maior número de associados. E mais do que prestar apoio médico aos seus filiados, a sede do grupo foi palco de diversas atividades sociais e culturais ao longo dos anos. Também promovia desde discussões políticas à exibição de peças teatrais, e até movimentos que lutavam contra o regime ditatorial de Getúlio Vargas⁴ iniciaram ali. No ano de 1953, que ocorreu uma grande greve, a sede da Laboriosa foi considerada ponto de encontro da organização grevista, um marco para o movimento trabalhista brasileiro. Esta greve ficou conhecida como “greve dos 300 mil”⁵ que mobilizou um enorme contingente de trabalhadores na luta pelo aumento do salário mínimo, que havia sido criado em 1943 e

3 Laboriosa é originada de “Labor”, trabalho em Latim.

4 Getúlio Vargas (1882-1954) foi um advogado, militar e político brasileiro. Sua carreira foi marcada por ter conduzido o “Governo Provisório”, o Governo Constitucional e o Governo Ditatorial durante o Estado Novo.

5 PINTO, Tales dos Santos. “Greve dos 300 mil em São Paulo, 1953”; *Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/greve-dos-300-mil-sao-paulo-1953.htm>>. Acesso em 03 de junho de 2019.

reajustado apenas uma vez de forma insuficiente, e pela maior liberdade de organização sindical que até então, estava proibida se não seguisse as estruturas impostas pelo Estado. Isto mostra uns dos aspectos que tornam o edifício importante para a composição da história e memória dos trabalhadores da cidade.

Em relação às atividades sindicais, foi um dos principais locais de encontro de movimentos grevistas entre as décadas de 20 até 60, quando o Brasil foi alvo do Golpe Militar que comandou o país até 1985. Um dos principais espaços para a discussão de pautas socialistas pelas centrais sindicais da cidade, a atuação dos trabalhadores só foi interrompida com a instauração do regime militar, em Abril de 1964. Segundo a história da Associação presente no processo de tombamento do edifício escrito pelo Centro da memória sindical e disponibilizado no CONDEPHAAT (*Resolução de tombamento nº 27943/CONDEPHAAT/90; p.44*), foi nesse mesmo período que muitos documentos e papéis referentes à história da associação e dos movimentos sindicais foram destruídos pelos militares para o enfraquecimento da associação e de seus ideais.

“A velocidade com que as cidades brasileiras crescem, sobretudo, São Paulo, é tão grande a ponto de apagar, no espaço de uma vida humana, o ambiente de uma geração anterior”. Esta citação feita por Leonardo Benévolo⁶, em Novembro de 1980, ainda é extremamente atual na medida em que, os mesmos problemas que se via no descaso com a arquitetura naquela época e a falta de conservação dos bens arquitetônicos são os mesmos que podemos observar atualmente, quase 40 anos depois, mostrando que pouco foi feito em relação a isso desde então. Os símbolos urbanos e a imagem da cidade deixaram de ser uma preocupação para as autoridades há muito tempo, levando à realidade na qual nos encontramos hoje. Porém, nunca é tarde para mudar esta situação.

Em todos os capítulos houve a preocupação de deixar o mais claro possível o que está sendo tratado de maneira que, com o conjunto, seja admissível a formação de um juízo de valor e mostre a necessidade de nos

6 Citação tirada do epílogo escrito por Leonardo Benévolo no livro “São Paulo: três cidades em um século” de Benedito Lima de Toledo, em 1980.

atentarmos mais à história e às produções artísticas e arquitetônicas de São Paulo. Pretende-se mostrar também a relação entre as mudanças na organização do espaço e a possibilidade de resgate de espaços subutilizados. Por trás da simplicidade da redação, houve sempre a preocupação de aludir a importância do edifício, que será tratado neste trabalho, para a memória da cidade, na certeza de que essas informações nos permitam conhecer as condições de produção dos espaços urbanos, as transformações da cidade e as consequências da incessável busca pelo crescimento e evolução da cidade, e ainda sirva de referência para pesquisas futuras nesse ramo.

CAPÍTULO I

SÃO PAULO: SURGIMENTO, EVOLUÇÃO E MEMÓRIAS

Cada cidade tem a sua fisionomia, a sua feição, conjunto de traços que constrói a sua identidade, o seu caráter. Mas uma fisionomia se transforma com o tempo. Em São Paulo, esse caráter se perde com facilidade e as novas gerações se perguntam qual é a nova fisionomia, qual é o caráter da cidade.⁷

Este capítulo busca dar um panorama geral sobre a cidade onde o edifício de estudo está inserido, os fatores que levaram a inserção no local e as mudanças que resultaram no abandono do mesmo. Busca também entender quais eram as fisionomias, ditas por Reis Filho, da cidade que passou por momentos que influenciaram em sua produção arquitetônica e as alterações sucessivas que resultaram nesta megalópole concentradora e congestionada.

A cidade de São Paulo como nós conhecemos hoje é o oposto do que era em seus primórdios, nem sempre foi este enorme polo comercial e econômico, muito menos uma das cidades mais importantes do país. Para entender melhor toda essa evolução é necessário conhecer os fatores que levaram ao crescimento. Desta maneira, torna-se essencial, primeiramente, a compreensão do sítio e sua morfologia, para então prosseguir para o início e desenvolvimento da cidade que é sempre representado na produção arquitetônica.

Segundo Aziz Nacib Ab'Saber⁸ em a “Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo”⁹ e “Os domínios de na-

7 REIS FILHO, Nestor Goulart. “São Paulo e outras cidades: produção social e degradação dos espaços urbanos”. São Paulo: Hucitec, 1994. Página 17.

8 Aziz Nacib Ab'Saber (1924-2012) foi um geógrafo e professor universitário brasileiro. Considerado referência no assunto de geomorfologia.

9 AB`SABER, Aziz Nacib. Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

tureza do Brasil”¹⁰, São Paulo é dominado pela morfologia chamada de “mar de morros”, como o próprio nome sugere, um mosaico de colinas, com a presença de terraços e planícies no ângulo interno de confluência dos rios Tietê e Pinheiros. Este meio físico ecológico e paisagístico é considerado o mais complexo e difícil do país em relação às ações antrópicas, devido às grandes variações de níveis. Estas colinas de São Paulo resultaram em uma cidade suntuosa com soluções urbanísticas características e especiais, tais como as ladeiras e escadarias, os grandes viadutos, galerias e túneis, a fim de transpor pessoas e expandir a cidade além-colina, procurando dar continuidade, mesmo que parcialmente, a superfície da cidade. Em meio deste mar de morros, existe uma pequena colina tabular suavizada, uma singularidade na região que acarretou no estabelecimento da vida urbana na região, devido a pouca movimentação do relevo, e que deu oportunidade para o crescimento de uma grande cidade, que tinha como vantagem a proximidade com a região serrana relativamente acidentada.

A cidade de São Paulo foi fundada nessa colina tabular de nível intermediário, que são plataformas que possuem grande importância como elementos do sítio urbano por estarem dispostas acima do nível dos terraços fluviais (os rios e áreas de várzea) do Tietê e Pinheiros. Enquanto a cidade expandia nas colinas, as várzeas paulistanas abrigaram, em terrenos mais firmes, moradias de trabalhadores que viviam do rio e da própria terra varzeana, proliferando assim, por toda a extensão dos rios, principalmente do Tamanduateí¹¹, olarias que ajudaram a construir a cidade. “Portos de areia e cascalho pontilharam o dorso dos diques marginais dos rios, contribuindo com a porcentagem mais importante dos materiais de construção, que aos poucos foram empilhados nos arranha céus da metrópole” (*Ab’Saber, Nacib Aziz*). Este trecho escrito por Nacib será compreendido melhor a seguir com a evolução da cidade propriamente dita.

10 AB’SABER, Aziz Nacib. Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

11 O rio Tamanduateí é um rio que corta a Região Metropolitana de São Paulo e deságua no Rio Tietê. É margeado, em grande parte, pela Avenida do Estado. – “Rio Tamanduateí”, disponível em < <https://acervo.estadao.com.br/noticias/lugares,rio-tamanduatei,8349,0.htm>>. Acesso em Maio de 2019.

O local em que a cidade iniciou, sobre essa colina tabular pouco movimentada, é chamado “triângulo paulista” por ser balizado por três conventos em seus vértices: São Francisco, São Bento e Carmo; e cercado por um forte desnível de, aproximadamente, 30 metros em relação aos cursos d’água que o delimitam. Desde antes da chegada dos jesuítas (fundadores da cidade), os povos que habitavam esse sítio haviam escolhido este mesmo local para enraizamento, pois, como bem analisou Pierre Monbeig¹² sobre a cidade: “[...] dentre todas as colinas, os fundadores escolheram para seu colégio as que dominam de um lado o Tamanduateí, de outro os barrancos do Anhangabaú. Em parte alguma a escarpa que se precipita sobre as várzeas é tão bem marcada, e em parte

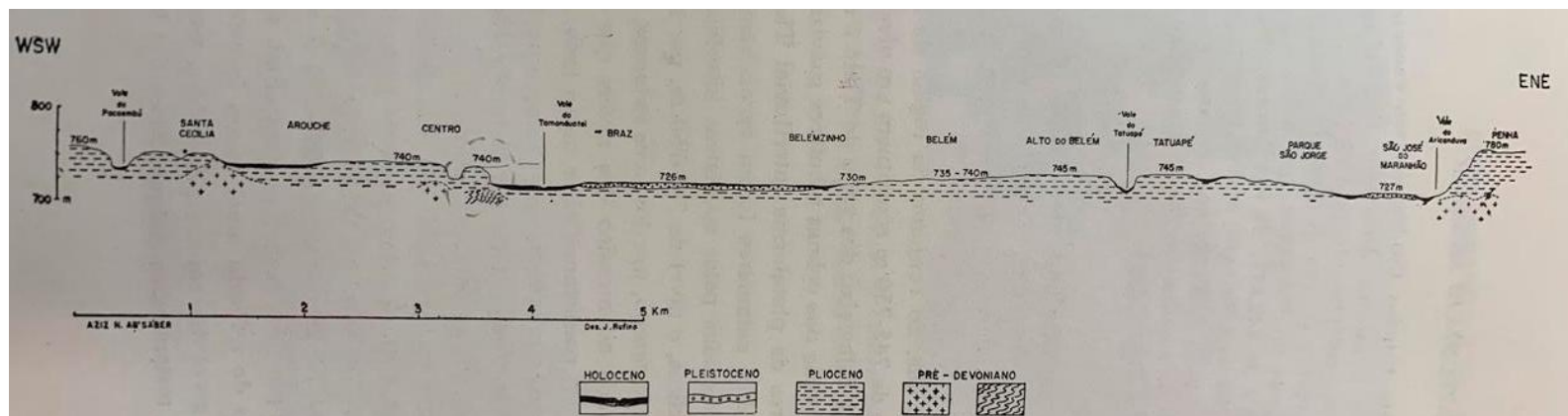


Figura 2: Seção geológica ao longo da margem esquerda do vale do Tietê, cruzando as colinas de nível intermediário (745-750m). Nota-se as diferenças de nível. I AB`SABER, Aziz Nacib. Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo. São Paulo: EDUSP, 1957. 343 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, 1957. p. 23.

alguma parece haver tantas garantias de segurança”¹³. Ou seja, essas circunstâncias históricas decidiram a escolha de um sítio estratégico, que por ser uma área alta possuía uma ampla visão das terras adjacentes e uma

12 Pierre Monbeig foi um geógrafo francês que trabalhou e estudou o Brasil entre 1935 e 1946.

13 TOLEDO, Benedito Lima de. São Paulo: três cidades em um século. 2. Ed. Aum. São Paulo: Duas cidades, 1983.

barreira física para possíveis invasores, e a proximidade da várzea do rio que, com suas inundações, mantinha o solo fértil para agricultura e pastos.

A cidade de São Paulo possuiu quatro fisionomias distintas, formuladas por Benedito Lima em “São Paulo: três cidades em um século”: a cidade de taipa (da chegada dos jesuítas até 1888), a da cidade europeia (1889-1930), a cidade modernista (1930-1960) e a metrópole contemporânea. Por volta de 1766, o triângulo paulista estava edificado com construções de taipa de pilão (pranchas robustas de madeira que serviam de fôrma na execução das paredes de barro), cortadas por ruas estreitas e irregulares, com ladeiras íngremes e mal articuladas e pequenos largos - que pode ser considerada a única herança colonial, já que só sobraram alguns poucos edifícios dos séculos anteriores e severamente reformados. Neste período, a cidade era apenas centro de convergência de caminho de tropeiros, condutores de tropas que levavam os insumos produzidos até os locais de consumo. Estes ligavam as fazendas de café no interior ao Porto de Santos, passando por São Paulo e descendo a Serra do Mar. A cidade era uma humilde vila que quase não havia concentração populacional porque a grande parte da população vivia no meio rural onde predominava a atividade econômica que era baseada na agricultura. Em 1865, com o início da implantação dos trilhos e o vencimento da barreira que a serra do mar representava, os tropeiros foram substituídos pelos trens. Desta maneira, a ligação entre o porto e as fazendas era feita de maneira muito mais rápida e eficaz.

A implantação da ferrovia alterou as relações de espaço e tempo, favorecendo decisivamente os eixos Santos - São Paulo – Campinas. Devido ao aumento da lucratividade com o cultivo nas terras mais férteis no interior, a adoção de técnicas elaboradas e beneficiamentos mais eficazes somados a redução de custos de transporte, pôde-se investir em outras frentes. Desta forma, atribuindo para a então cidade de taipa poder por permanecer um ponto de articulação entre interior e costa, possibilitando o aparecimento de significativos pontos de concentração e dando início ao crescimento de São Paulo. Neste momento, começou a transição da era da taipa para

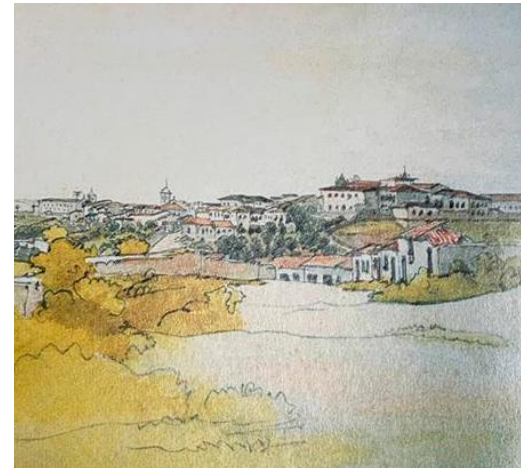


Figura 3, 4 e 5: Imagens em desenho aquarela mostrando os Conventos balizadores do “triângulo” paulista: do Carmo, São Bento e São Francisco respectivamente. | 1817 - ENDER, Thomas | LAGO, Pedro Corrêa do. Iconografia paulistana do século XIX. São Paulo: Metalivros, 1998. pgs. 22, 23 e 31.

14

a do tijolo, já que o mesmo trem que descia carregado de café agora poderia subir com material de construção para se construir uma casa mais requintada. Em meados de 1870, o rio Tamanduateí, localizado na margem da colina onde está localizado o Triângulo Paulista, representava uma rota de abastecimento mercantil da cidade, abrigando uma série de portos e olarias, inclusive o “Porto Geral”, denominado dessa forma por abrigar o maior número de canoas mercantil vindas dos sítios e roças ribeirinhas, corroborando para as novas construções e a alteração do desenho da cidade. Os primeiros relatos de construções em tijolos representam a nova fase que a cidade ainda estava por viver devido à mudança das principais atividades locais. “Primeira fase de desenvolvimento da cidade após uma estagnação de séculos, em decorrência de seu florescimento econômico” ¹⁴.

Desde a chegada da ferrovia, iniciou certa “epidemia” de urbanização, devido à agilidade da propagação do processo em São Paulo, consequência da rapidez com que mercadorias, informações e entre outras coisas che-

¹⁴ Conceito utilizado para explicar a 2ª fase da cidade de São Paulo, da cidade europeia; retirado da resolução de tombamento do perímetro do Vale do Anhangabaú de nº06/CONPRESP/91, página 06.



Figuras 6 e 7: Cartas Capital de São Paulo, ano de 1810 e 1881, respectivamente. Nestes mapas é possível perceber a expansão da cidade com o tempo e a diferença entre o traçado urbano existente entre uma e outra. | <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-indice.htm> - Acessado em Abril de 2019. Demarcação (feita pela autora do trabalho) com os círculos vermelhos dos Conventos Balizadores e a formação do triângulo paulista, e o círculo azul da localização do edifício sede das Classes Laboriosas

gavam às cidades. Conseqüentemente, o crescimento acelerado tornou-se desordenado e sem infraestrutura: as chácaras e a área central começaram a ser loteadas, sem muito critério e preocupação com o desenho urbano, com perímetros exteriores irregulares que seguiam a forma de qualquer acidente natural no qual se encontravam. Entre 1880 e 1890, imigrantes e paulistas formados no exterior chegaram à cidade com técnicas construtivas novas adquiridas na Europa e “alteraram os traços da arquitetura da cidade e lhe conferiram o que na época se dizia serem os sinais do progresso”¹⁵. A intensa imigração e novas ideias provindas da Europa foram essenciais

15 REIS FILHO, Nestor Goulart. “São Paulo e outras cidades: produção social e degradação dos espaços urbanos”. São Paulo: Hucitec, 1994. Página 23.



Figuras 8: Carta Capital de São Paulo, ano de 1897. Nota-se o “estrangulamento” do centro | <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-in-dice.htm> - Acessado em Abril de 2019. Demarcação com os círculos vermelhos do triângulo paulista e o círculo azul, o edifício de estudo.

para a mudança das características de São Paulo, pois além da contribuição direta da população, os governantes buscavam adotar os padrões urbanísticos que estavam sendo feitos no exterior.

O sítio que havia dado início à cidade e fora tão bem escolhido, nesse momento, deixou de ser importante. A população estava crescendo, a urbanização tomando conta do local e o sítio que era vantajoso passou a ser visto como uma barreira geomorfológica para a continuidade da expansão da cidade, pois era necessário atravessar o vale para atingir as outras planícies da cidade. As dificuldades topográficas fizeram com que engenheiros paulistas

encontrassem soluções como a implantação de grandes estruturas que ligassem uma colina à outra, possibilitando a transposição de um lado para o outro. Neste período que a cidade era caracterizada como urbana e a economia baseada nas produções industriais, a grande corrente imigratória e o êxodo rural aumentaram em muito o contingente populacional operário na cidade. Esses trabalhadores buscavam morar próximo às indústrias e da maneira mais econômica possível, acarretando na formação de vilas operárias e cortiços em diversas áreas próximas aos centros, onde se concentravam as primeiras indústrias.

Entre 1930 e 1960, São Paulo estava adquirindo uma terceira fisionomia, de cidade modernista. Com grandes obras de engenharia e eliminando os edifícios da metrópole do café para ceder lugar a edifícios que houvesse maior aproveitamento do solo, construindo “em cima” ao invés de construir “ao lado” das construções existen-



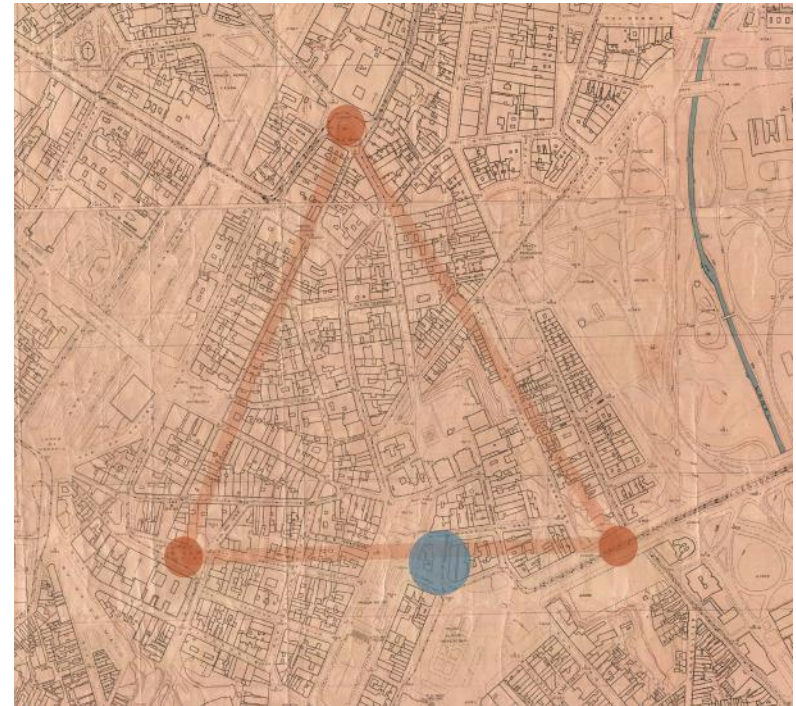
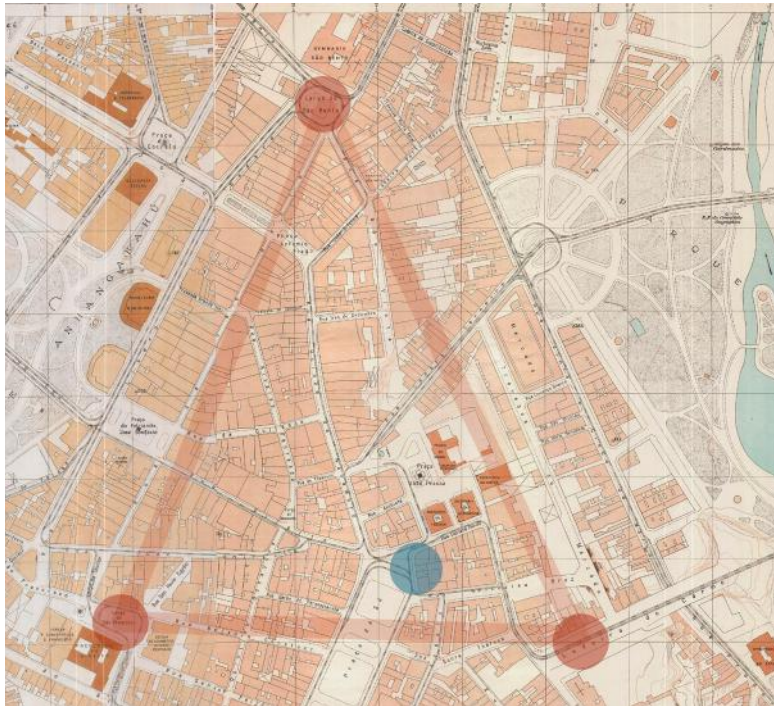
Figura 9: Imagem do nível do Rio, e ao alto, o Mosteiro de São Bento. Nota-se o porquê do início da cidade nesse local devido a sua posição estratégica | Foto tirada por Militão Augusto de Azevedo, 1882 | <http://oquevidomundo.com/historia-de-sao-paulo-rua-25-de-marco> - Acessado em Abril de 2019



Figura 10: O berço da Metrópole - a esplanada do Pátio do Colégio vista do vale do Tamanduaté. Nota-se o desnível de 15 a 20m que separa os dois planos do relevo regional | Foto de Ab'Saber, 1952 | TOLEDO, Benedito Lima de. São Paulo: três cidades em um século. 2. Ed. Aum. São Paulo: Duas cidades, 1983.

tes. As construções apresentadas no período da cidade modernista mostram a forte influência dos imigrantes europeus nas produções arquitetônicas e artísticas. O centro tendeu a se especializar como área de comércio e escritórios, enquanto as residências das camadas sociais mais ricas eram expulsas para os novos bairros.

A cidade de São Paulo continuou (e continua) a crescer, de 1920 a 1960, por exemplo, a cidade passou de cerca de 500 mil para quatro milhões de habitantes. Entre 1960 e 1990, a metrópole agigantou-se e todas as atividades cresceram de tal forma que, para funcionarem, exigiam um centro especializado. Concentradora e congestionada, a quarta fisionomia da cidade se apresenta com os espaços sendo construídos em grandes escalas, sendo congestionados pela concentração de uso e degradados rapidamente, como foi observado por Nestor Goulart Reis Filho em seu livro “São Paulo e outras cidades: Produção social e degradação dos espaços



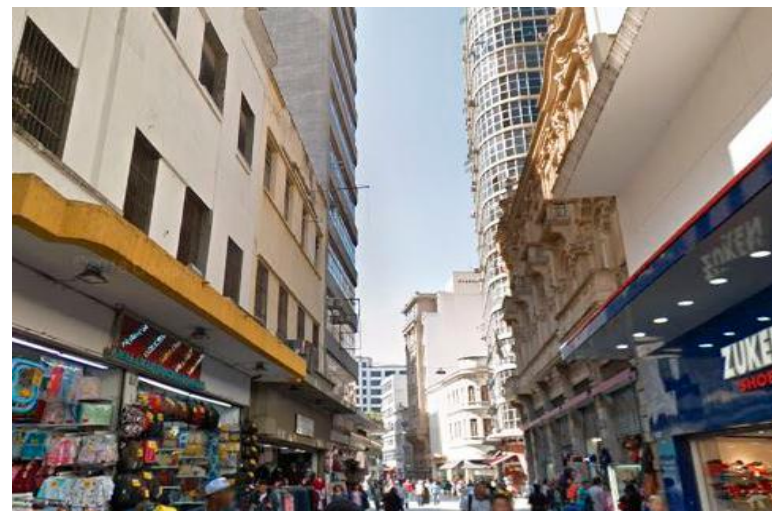
Figuras 11 e 12: Mapas SARA (1930) e VASP (1954), respectivamente | Estes mapas mostram um traçado do Centro mais consolidado, próximo ao que temos hoje, e com a retificação do Rio Tamanduateí | http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx - Acessado em Abril de 2019. Demarcações feitas pela autora do trabalho. Em vermelho, o triângulo paulista e em azul, o objeto de estudo

públicos” (São Paulo: Hucitec, 1994. Página 09).

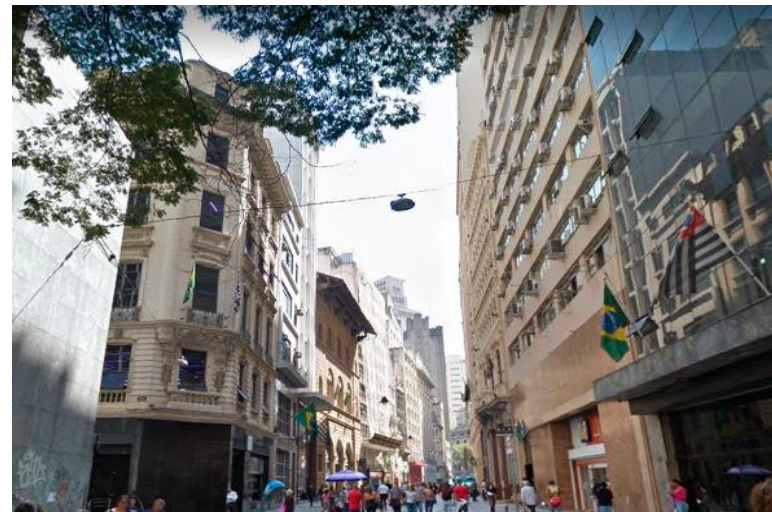
São Paulo foi palco de mudanças bruscas em um curto período de tempo. Em um século, a cidade vivenciou quatro fases bem marcadas e distintas, que ao iniciar uma nova, era destruído tudo o que havia sido construído na anterior, sacrificando seu passado para mostrar o crescimento. E mais uma vez alterando a composição e a imagem da cidade. Com o uso abusivo do solo pelos empreendimentos imobiliários e a forte tendência de crescimento populacional e construtivo, fez com que fossem aproveitados até os vales dos riachos para a construção

de avenidas, únicos espaços que restavam, asfixiando o centro da cidade. Esse crescimento incontrolável não cessou nem com crises econômicas, revoluções nem guerras. A metrópole continuou crescendo e sendo reconstruída sobre o mesmo assentamento.

Contudo, é possível dizer que a cidade possui uma memória curta e pouquíssimo apego com o passado e, para quem acredita que o desenvolvimento não é apenas aumento de cifras, mas sim, melhoria nas condições de vida e zelo com os cidadãos e suas histórias, pode não considerar São Paulo uma cidade tão desenvolvida quanto se acredita.



Figuras 13 e 14: Imagens comparativas da Rua Direita de 1862 e 2018 | Fotos tiradas, respectivamente, por Militão Augusto de Azevedo e por Laís Paraizo. | enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2001/militao-augusto-de-azevedo - Acessado em Maio de 2019.



CAPÍTULO II

PATRIMÔNIO HISTÓRICO: O QUE É?

“A cidade de São Paulo é um palimpsesto: um imenso pergaminho cuja escrita é raspada de tempos, para receber outra nova, de qualidade literária inferior, no geral.”

Esta citação foi retirada do livro “São Paulo: três cidades em um século” de Benedito Lima de Toledo (*Ed. Aum. São Paulo: Duas cidades, 1983. Página 67*) que resume de forma sucinta, porém enfática, o que foi a transição entre as diferentes cidades de São Paulo no século XIX, transições que ocorreram no mesmo sítio.

Em São Paulo é notório que o patrimônio edificado é projetado para atender determinada época e escala de população que, rompida esta escala, o patrimônio é devastado e descaracterizado pelo uso intensivo ou inadequado. E infortunadamente, a degradação destes espaços que poderia ter sido menor caso houvesse a sensibilidade do valor material e cultural deste patrimônio. E mesmo nos dias atuais, com os resultados negativos, com a maior consciência e preocupação com a conservação destes, ainda não há um grande investimento nestes exemplares do passado, pois, não é apenas atribuir à construção o valor de uma memória, mas sim, manter o bom estado e em uso, preservando-os sem que negue o aparecimento da cidade contemporânea.

Antes de aprofundar em um objeto específico, suas características e formação, é necessário compreender informações e denominações mais abrangentes a este. É compreendido que o edifício em questão está dentro de um grupo conhecido como “patrimônio histórico” e para melhor visão do estudo, necessita-se entender o que isto significa para a cidade, história e para a arquitetura. Até por volta dos anos 50, os conceitos de arquitetura e patrimônio abrangiam apenas as obras de caráter monumental, relacionadas, primordialmente, com os espaços utilizados pelos grupos sociais de renda mais alta. A partir de então, começaram a surgir diferentes linhas de

pensamento em torno desta expressão, nos quais se acredita que construções comuns e mais simples devem ser dignas de objeto de estudo, com o mesmo empenho e dedicação das dadas para grandes obras. E o motivo é simples: compreender apenas poucos edifícios isolados não faz com que se tenha uma grande compreensão do todo e essa defasagem não é suficiente para se compreender a produção arquitetônica de um período todo ou de uma cidade como conjunta. São nas construções mais simples e comuns que é concebível compreender e rotular um período, já que é reflexo das vontades, necessidades e costumes de uma população. Essas ideias são apresentadas por Nestor Filho, (*“São Paulo e outras cidades: Produção social e degradação dos espaços públicos”*. São Paulo: Hucitec, 1994), a fim de mostrar que a mudança de linha de pensamento tinha motivação política, visava estabelecer uma visão igualitária e mais democrática da arquitetura e das cidades, e motivação técnica.

O presente trabalho se apoia neste significado de patrimônio cultural e o edifício em questão não se trata de uma construção monumental tampouco requintada. Trata-se de uma construção modesta, porém, por se tratar de uma sede de um sindicato operário que sobrevivia pela mensalidade de seus associados, possui uma arquitetura com certo zelo e requinte. É válido a análise desse edifício pois a explicação do desenvolvimento urbano passa necessariamente pela explicação das condições de produção das grandes obras, das que atendem às necessidades coletivas e deve-se considerar as decisões político-administrativas, a capacidade técnica de seus idealizadores e da mão de obra especializada, a disponibilidade de materiais e componentes locais e as possibilidades de uso. Entender as condições sociais de produção da obra significa conhecer todos os aspectos que viabilizaram a sua realização.

Citando a historiadora francesa Françoise Choay (*CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. Portugal: Edições 70, 2000.*), um edifício não é construído como patrimônio, tampouco se pensa que este poderá se tornar um em sua concepção. Para a atribuição deste significado é necessário que seja feita uma avaliação sobre a construção, levantando as suas características que são irrefutáveis, que viabilizaram a sua realização: técnicos, financeiros, macroeconômicos, microeconômicos, de uso e valor. Afinal, dentre diversas construções com atri-

butos diversos, um específico prédio é selecionado e qualificado como patrimônio histórico. Apesar de ser uma simples constatação, é de suma importância entender isto: um artefato edificado é localizado e selecionado para fins básicos que podem contribuir para manter e preservar a identidade de um grupo específico, e assim, fazendo com que os indivíduos se recordem de outras pessoas, acontecimentos, ritos ou crenças. É segundo este ideal que se faz muito importante manter o edifício da antiga sede da Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas, por representar momentos importantes dos trabalhadores, suas lutas e conquistas.

Outro fator que deve ser levado em consideração ao tratar de *patrimônio histórico* é que este deve ser destinado ao uso de uma comunidade, seja ela pequena ou de dimensões planetárias, e deve ser constituído pela acumulação contínua de uma gama de objetos que “congregam a sua pertença comum ao passado, apaziguando a angústia do sumiço e morte” ¹⁶.

A destruição dos edifícios da cidade de taipa, da metrópole do café e a cidade modernista para ceder lugar aos edifícios na cidade contemporânea e as grandes vias conectoras fez com que fosse desaparecendo os documentos da nossa evolução urbana, processo que continua no século XXI, dado o total desinteresse das autoridades pela história de nossa cidade. São Paulo corre o risco de se tornar uma “cidade sem história”. A razão é simples, segundo Benedito Lima, nos países atrasados há um conceito, há muito superado nos países desenvolvidos, de que as vias de circulação devem prevalecer sobre todos os valores urbanos.

Afinal, como foi dito por Toledo, a história de uma cidade não é somente uma contribuição ao conhecimento do passado, que vai aumentar o patrimônio das lembranças históricas, mas permite também considerar o presente numa perspectiva correta, e ajuda a projetar melhor: com maior consciência e responsabilidade o futuro do ambiente urbano. E considerando a velocidade com que as cidades brasileiras crescem, sobretudo, São Paulo, é tão grande a ponto de apagar, no espaço de uma vida humana, o ambiente de uma geração anterior. Levando

16 CHOAY, Françoise. O patrimônio em questão. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2001. 183p. (Coleção Patrimônio). p. 22).

em consideração o que fora dito, com certeza a cidade enfrentará mais problemas futuros do que já vivencia.



Figuras 16 e 17: Imagens da atual 25 de Março. Antes e depois da retificação do curso do Rio Tamanduateí, de 1910 e 1916. Nota-se que a expansão da cidade começou a estreitar o rio para que houvesse mais espaço para se construir. | <https://www.hotelcastelar.com.br/as-origens-da-rua-25-de-marco/> e http://www.hagopgaragem.com/sp_comparativo3.html - Acessado em Outubro de 2018.

CAPÍTULO III

ASSOCIAÇÃO DAS CLASSES LABORIOSAS E O EDIFÍCIO

Localizado no bairro da Sé, marco zero da cidade de São Paulo, à Rua Roberto Simonsen, 22, no quarteirão que faz esquina com a Rua Venceslau Brás e Avenida Rangel Pestana, abriga o edifício da antiga sede da Associação das Classes Laboriosas desde 1907, objeto que será tratado no presente trabalho.

De maneira cronológica, será apresentado a seguir o que foi a Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas, o início, os objetivos até a construção da sede localizada na Rua Roberto Simonsen. Seguindo pela explicação pragmática da arquitetura do edifício, até a decadência da associação e do prédio. Este capítulo fará referências com os capítulos anteriores, principalmente o primeiro, cuja história e evolução da cidade de São Paulo são tratadas – sítio onde está implantada a construção em questão. Como referência, foi utilizado quase que exclusivamente o processo de tombamento (*Resolução nº 27943/CONDEPHAAT/90*) do edifício disponibilizado no CONDEPHAAT¹⁷, órgão responsável pelo tombamento do mesmo, análise dos desenhos técnicos do projeto inicial disponibilizado e visitas em campo, onde só foi possível a análise por fora, já que o edifício se encontra interditado. Consequência da defasagem de informações e relatos dificulta a reconstituição de sua história, levando a certas conclusões pelo que se conhece.

A Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas nasceu como iniciativa de uma parcela, talvez a menos favorecida, dos trabalhadores da construção civil, os pedreiros e carpinteiros. Fundada em 31 de Maio de 1891, tinha por finalidade “criar cooperativas para desenvolver a construção civil e regular as questões de trabalho entre operários e patrões” (*fonte: nº 27943/CONDEPHAAT/90. P. 37*).

17 Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico ou CONDEPHAAT é o órgão subordinado à Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo criado pela Lei Estadual 10.247 de 22 de outubro de 1968.

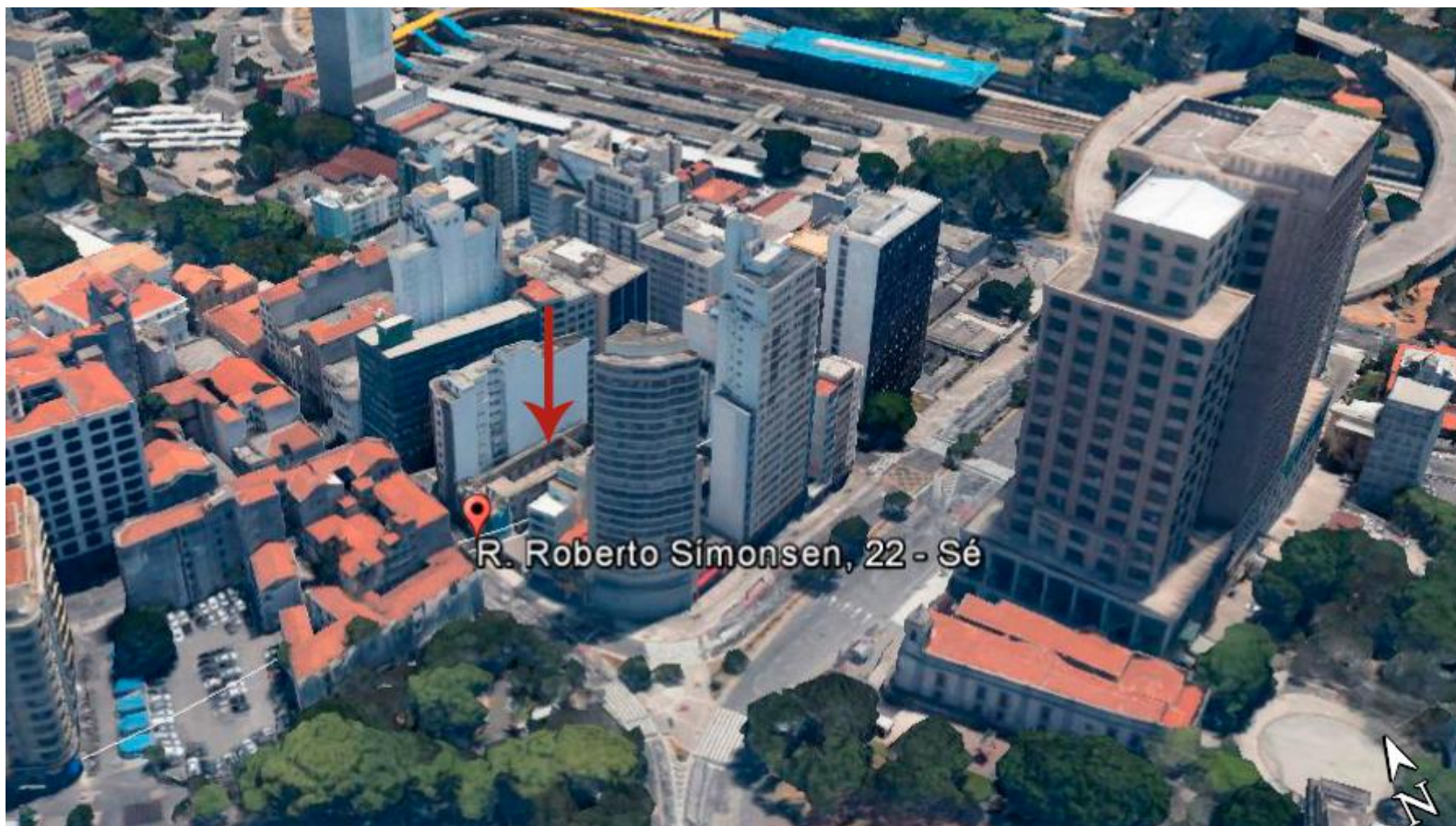


Figura 19: Vista aérea da área onde está inserido o edifício de estudo, destaque pela seta vermelha. Nota-se grande aproveitamento do terreno e verticalização dos prédios vizinhos. É notório a diferença de gabaritos. | Imagem retirada do Google Earth em Abril de 2019 e marcações feita pela autora do trabalho.

Tratava-se, portanto, de uma sociedade de ajuda mútua na qual era pauta a defesa do trabalhador, a reivindicações dos direitos trabalhistas e como respaldo médico, social e cultural para os associados e seus familiares. Os primeiros associados eram de origem ibérica, resultado da forte onda de imigração, devido à expansão da cidade de São Paulo e a necessidade de mão de obra nas construções dos novos edifícios. Em 1893, dois anos após a sua criação, instalou sua secretaria em um salão alugado à Rua do Seminário, 27, e no mesmo ano, mudou-se para a Rua Líbero Badaró, 51, permanecendo lá até a construção de sua sede propriamente dita, em 1907. Até então, as assembleias eram realizadas em outras sociedades.

O Estado republicano instalado no Brasil em 1889, em uma sociedade de traços ideológicos e marcadamente escravista (a Lei Áurea havia sido assinada em 1888), não garantiu direitos ao trabalhador que era livre pra vender sua força de trabalho. Cumprindo longas jornadas que chegavam a 14 horas, sem direitos trabalhistas ou outras garantias sociais. As reivindicações dos proletariados eram tidas como “desordens” e sobre eles recaiam os preconceitos contra o trabalho manual e contra a origem estrangeira. As áreas de acesso mais difícil, no velho centro, como as das proximidades da Rua Anhangabaú, foram reunindo, com as atividades comerciais, espaços destinados à acomodação de imigrantes, com altíssimas densidades, em quintais, nos porões e nos sobrados. Nesses locais, os habitantes desenvolveram formas de vida características, cercados por profundos laços de solidariedade e identidade. Nos bairros próximos às margens do rio Tamanduateí, era grande o número de cortiços – habitações populares que nem de longe atendiam às exigências de higiene estabelecidas por lei municipal – ou de vilas cujas habitações não tinham condições salubres. Entre 1890 e 1900, mais de 50% da população era composta por estrangeiros e em algumas fábricas, cerca de 90% dos operários eram imigrantes¹⁸. A situação de pobreza da maior parte dos operários paulistas pode ser avaliada pelo alto índice de mortalidade e moléstia, diretamente ligado à falta de higiene e alimentação.

18 REIS FILHO, Nestor Goulart. “São Paulo e outras cidades: produção social e degradação dos espaços urbanos”. São Paulo: Hucitec, 1994. Página 23. P. 109.

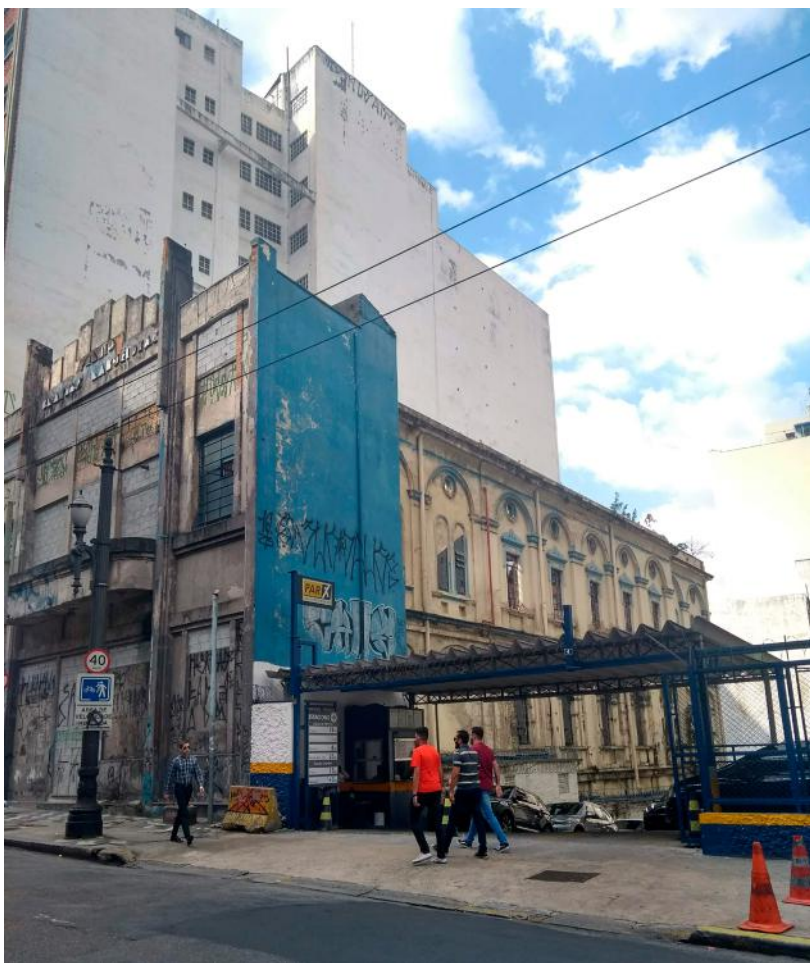


Figura 20: Foto tirada do lado oposto da rua. É perceptível o estado de abandono do edifício, sem uso, e ao lado, um estacionamento com grande fluxo. | Fotografia tirada por Laís Paraizo em Setembro de 2018.

A presença de militantes imigrados para o Brasil, especialmente após 1870, foi de extrema importância para a organização e desenvolvimento cultural do proletariado em São Paulo. Os primeiros organismos operários datam da segunda metade do século XIX e retomam os modelos associativos europeus, as sociedades de auxílio mútuo. Na cidade, nas três últimas décadas do século XIX, foram criadas cerca de vinte sociedades mutuaristas que, mantidas com contribuição mensal dos associados, desenvolveram programas assistenciais, serviços farmacêuticos, prestavam auxílio enfermidade, desemprego, funeral e por invalidez. A afirmação do movimento operário expresso em organização mais sólida em inúmeras greves correspondeu uma ação mais rígida do Estado no sentido de restringir a ação política dos trabalhadores. Repressão a manifestações públicas, prisões e decretos foram amplamente utilizados na tentativa de anular os efeitos de alguns avanços da consciência da classe trabalhadora.

Rapidamente a Auxiliadora mostrou a estrutura de atendimento que se manteria por longo período



Figura 21: Foto tirada do lado oposto da rua da fachada principal da Rua Roberto Simonsen. A imagem mostra o edifício de estudo em relação aos lotes adjacentes. | Fotografia tirada por Laís Paraizo em Maio de 2019.

do. Médicos e farmácias foram sendo credenciados, obedecendo a distribuição em distritos geograficamente limitados para atender todos os associados, em qualquer parte da cidade, ou como se referiam “nas partes altas e baixas da cidade”. Com a grande procura pela associação, passou a ser cobradas mensalidades em conjunto com doações para que fosse possível manter toda a organização ativa, levando a quase 522 membros em 1895. Só eram admitidos sócios do sexo masculino, cujos direitos eram extensivos aos familiares. Até esse dado momento, as mulheres não tinham direitos constitucionais, tornando mais difícil o auxílio. No caso de morte de seus maridos, as mulheres ficavam desamparadas, obrigando a criação do Fundo de pensões às viúvas, em 1899.

Porém, em 1903, o direito de associar-se foi concedido às mulheres. Neste mesmo momento de crescimento, a associação manifestou cuidados com o desenvolvimento intelectual de seus associados. Tentou organizar aulas noturnas de instrução pelo método João de Deus¹⁹ e uma biblioteca da qual faziam parte obras literárias importantes.

Antes mesmo do início do século XX, a associação já havia expandido seus horizontes e aceitava associados de todas as classes operárias e o número de associados de outras classes sobrepunha-se ao de pedreiros e carpinteiros, e estava a exigir a mudança de estatuto e de denominação da entidade, de modo a se praticar um ato de justiça desfazendo atritos, não distinguindo nenhuma causa das que faziam ou pudessem vir a fazer parte da associação. Em 1900, a associação mudou de nome, estatuto e ampliou as regalias dos sócios, com a criação de fundo de pensão aos órfãos e pais inválidos, alterando o nome inicial “Associação de carpinteiros e pedreiros 31 de maio” para a conhecida “Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas” que popularmente ficou conhecida apenas como “a Laboriosa”. A associação possuía um estandarte que tinha grande importância como símbolo e o carregavam para todas as assembleias e reuniões, remetendo e reforçando o ideal de pertencimento que os trabalhadores tinham para com a associação. Nesta época, talvez em decorrência do crescimento e aumento de associados, a associação perdeu um pouco de seu espírito inicial. Tanto perdeu o espírito que o presidente da época lamentava a falta de participação e conclamava os associados a trabalharem pela associação, uma vez que “trabalhar por nossa casa e pelo nosso futuro; pelo nosso amparo na doença, na invalidez e na prisão; pelo amparo de nossa família, na viuvez, na orfandade e na velhice”. Tal pronunciamento, mais uma vez, denunciava a carência de segurança pelas quais os trabalhadores brasileiros estavam sujeitos.

Ao iniciar-se a década de quarenta, a associação parecia estar distante dos ideais de união de classes que haviam orientado sua formação, o que fazia ressaltar seu caráter assistencial. Os festejos a partir de então, te-

19 A Cartilha Maternal é uma obra de natureza pedagógica, escrita pelo poeta e pedagogo João de Deus e publicada em 1876, que se destinava a servir de base a um método de ensino da leitura às crianças.



Figura 22: Foto tirada do estacionamento vizinho ao edifício. A imagem mostra a fachada do corpo principal com suas janelas e vitrais que restaram. | Fotografia tirada por Laís Paraizo em Maio de 2019 com câmera angular para captar toda a extensão da fachada.

riam presença de diversas autoridades. Na verdade, as autoridades participarem de festa mostra a união entre os lados, os que lutam contra todo um sistema capitalista e opressor e o lado que detém este poder, mostrando que a associação não tinha mais o foco só nas classes mais desfavorecidas.

Em 1903, a Associação adquiriu o terreno em que foi construído o edifício sede, presente de seu presidente Lourenço F. Garcia, concluído em 1907. O amplo edifício localizado na, anteriormente Rua do Carmo, 25²⁰, foi parcialmente ocupado pelas instalações da Associação, como, secretaria, consultórios médicos e dentários, laboratórios e farmácia. O restante foi alugado para integrar a renda da entidade. O salão de festas, com palco e

cenários, servia às solenidades da associação e era constantemente alugado. Este salão foi palco de apresentações de peças importantes e realizaram-se reuniões decisivas para o desenvolvimento do movimento operário. A Laboriosa também participou, com todas as possibilidades de socorro, do auxílio às vítimas da gripe espanhola que assolou a cidade, em 1918. Embora seus membros tivessem sido atingidos também, as classes laboriosas conseguiram manter o atendimento médico e farmacêutico inclusive aos não associados. Isto mostra como a associação tinha uma participação forte e ativa na sociedade, não só atendendo seus associados, mas como abrindo as portas para a ajuda dos outros cidadãos.

As duas casas na Rua do Carmo, no distrito até então conhecido como Freguesia da Sé, tinha três portas e três janelas de frente em sua fachada principal. O terreno possuía medidas de 15,40m de frente, 46m de fundo, onde estreitava para 13,10m de largura. O terreno estava localizado em um plano alto, seco que ao longo do edifício, possuía um grande declive, proporcionando “um belíssimo panorama”. Pode-se observar que o terreno em questão está na borda do chamado “triângulo paulista”, que é uma colina tabular pouco movimentada cercada por um grande desnível, fator que proporcionava esta vista de cima da cidade e se apresentava próximo ao centro da cidade, logo, próximo às primeiras indústrias, vilas operárias e do centro comercial. O prédio nele construído era muito antigo, mas estava em boas condições de segurança, não sendo conveniente fazer consertos quando teriam que mexer com as paredes que são de terra e, portanto, sujeitas a desmoronamento.

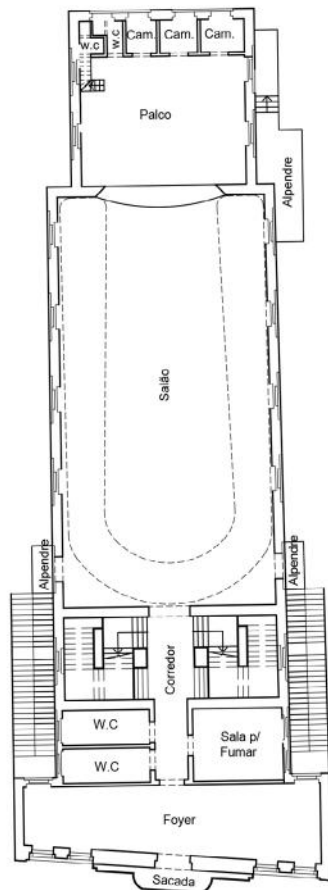
As casas que estavam neste terreno anteriormente deram espaço para o edifício social que reuniria o útil ao agradável. Possuía consultórios médicos e cirúrgicos bem instalados e um pequeno teatro que serviria para grandes reuniões e para lazer, podendo tirar-se grande renda alugando o espaço. Em fevereiro de 1907, foram apresentadas as plantas do edifício que viria a ser construído. Naquele mesmo ano, a prefeitura estabeleceria novo alinhamento para a Rua do Carmo, o que provocou a desapropriação de 18,24m² do terreno das classes laboriosas.

No início das construções, constatou-se que o fundo dos terrenos vertia água e o solo era argiloso, bom para o assentamento da construção. A fundação do edifício foi feita sem estacas, com uma espessa camada de concreto de pedras britadas e cimento sobre toda a extensão das fundações para repartir uniformemente a pressão sobre estas. Nas três paredes perimetrais, a camada de concreto deveria ter 1,80m de largura e 0,70m de altura. O muro de alvenaria, em pedra com argamassa de cal e areia, deveria medir 1,5m de altura e 1,30m de largura. Já o muro de alvenaria e pedra com argamassa comum, até o nível do porão mediria 0,90m de largura por 2,5m de altura. Ainda foi recomendado o uso de tirantes de ferro apenas nos andares superiores.

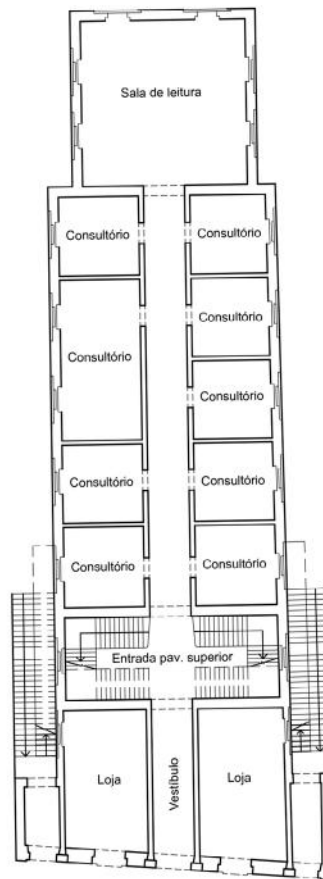
O edifício e sua organização

Analisando as plantas de construção original, pode-se reconhecer, de imediato, uma organização espacial a partir de um eixo de simetria. Essa linha de estruturação corresponde à área de circulação horizontal de todos os pavimentos. Baseado nessa regra de composição, o programa foi desenvolvido da seguinte forma: No pavimento térreo, entrada principal para o edifício, pode-se dividir a planta em quatro setores. O primeiro corresponde às lojas e vestíbulo²¹ de entrada, debruçados sobre a calçada e com seus acessos diretos pela rua, seguindo o alinhamento da calçada e sem recuo. As lojas não possuíam interligação com o interior do edifício, constituindo-se, desta maneira, em unidades comerciais autônomas; O segundo, à circulação vertical do edifício, composto por duas caixas de escada simétricas e separadas pelo corredor marcante de circulação horizontal. O edifício não possuía elevadores. O terceiro representa o corpo principal, destinado ao setor de serviços, composto por consultórios médicos e dentários, farmácia, sala de espera e biblioteca. E o quarto composto por um salão no fim do corredor axial, no extremo oposto à entrada principal. O pavimento inferior segue a mesma composição e modulação do encontrado no térreo, mas já o pavimento superior, apesar de seguir a mesma setorização de

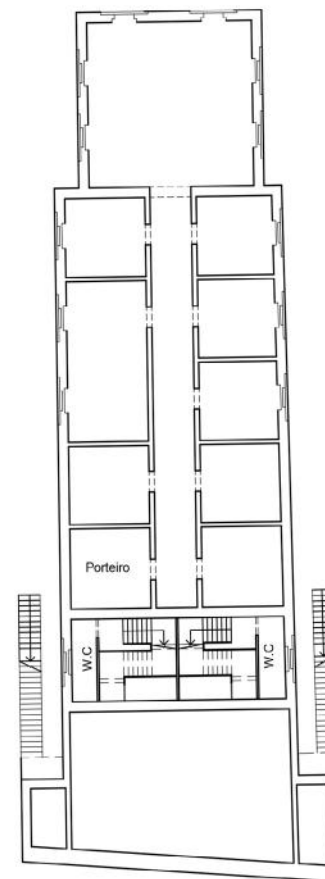
21 Vestíbulo (s.m. arquitetura): Pátio ou pórtico exterior, de acesso à entrada principal de uma construção.



PLANTA 1º ANDAR EXISTENTE
ESC. 1:200



PLANTA TÉRREO EXISTENTE
ESC. 1:200



PLANTA SUB 1 EXISTENTE
ESC. 1:200



Figura 23: Plantas do projeto original, reproduzidas com o auxílio das plantas disponibilizadas pelo CONDEPHAAT I Resolução de tombamento do edifício da antiga sede da Associação das Classes Laboriosas (nº 27943/CONDEPHAAT/90).

quatro módulos, possui um programa diferenciado e bastante amplo: o primeiro setor corresponde ao Foyer e a varanda que aparece na fachada; as caixas de escada, sanitários e salas para fumar se mantêm iguais. E ao invés dos outros setores serem compartimentados como nos pavimentos inferiores, este apresenta um grande salão/auditório com palco e camarins dispostos no último setor. O palco era espaçoso e continha acomodação para os artistas e, nas laterais as entradas para os camarins. O edifício possui ainda mais um pavimento para cima, seguindo a mesma composição dos outros pavimentos, porém, após o bloco de escadas e sanitários, o desenho forma uma galeria delimitada que se apresenta como um mezanino do salão onde se localizavam os camarotes. Este mezanino é sustentado por grandes estruturas que desempenham o papel de uma “mão francesa” e que são conectadas estrategicamente às paredes de alvenaria autoportantes que constituem o edifício todo. O salão apresentava um teto com as bordas curvas, as chapas de ferro decoradas em relevo, acabamento não muito comum para a época, e os balaústres da galeria de madeira finamente torneada. Esse salão recebeu o nome do protetor da AACL, Celso Garcia.

Após uma análise pragmática das plantas e programa do edifício, é necessário compreender as fachadas do edifício. Pode-se constatar que a fachada principal, voltada para a Rua Roberto Simonsen, é de conformação clássica, com três portas no térreo, uma varanda, apoiada em quatro mísulas²², e duas janelas no 1º pavimento, e são incorporados elementos de composição de várias ordens arquitetônicas, somada a outros próprios do repertório neoclássico²³, conferindo ao edifício características próprias do Ecletismo²⁴. A composição dessa fachada é marcada por um coroamento com platibanda elaborada, exibindo ao centro um medalhão de dimensões generosas. A preocupação com o ornamento se estende aos outros dois planos posteriores de fachada, referentes à caixa de escadas e salão. Enquanto isso, os restantes das fachadas são compostos pelas mesmas composi-

22 Mísulas (s.f. arquitetura): ornato saliente preso à parede que sustenta um arco de abóboda, cornija, púlpito, etc.

23 Arquitetura neoclássica é o estilo arquitetônico que é resultado da recuperação da gramática formal da Antiguidade Clássica Grega e Romana.

24 Arquitetura eclética refere-se a um período de transição da arquitetura, cujo estilo é a mistura de estilos arquitetônicos do passado para a criação de uma nova linguagem para a arquitetura.



Figura 24: Foto da fachada dos fundos do edifício tirada no estacionamento que fica no fim do lote. | Fotografia tirada por Laís Paraizo em Setembro de 2018.

ções de janela, seguindo uma rigorosa sequência e aparentemente simétricas, com rebuscados adornos que fazem o enquadramento destas aberturas. Os planos das fachadas são marcados, horizontalmente, pelo friso de divisão dos pavimentos e no sentido vertical pelas quatro prumadas de pilastras, resultando em seis panos ou quadros. A predominância é das janelas sobre os cheios com adornos em alto relevo com motivos florais. Além disto, a divisão das plantas em setores é também percebida pela fachada devido a diferença de altura e tamanho dos telhados. O setor um, três e quatro possuem altura e telhados com quatro águas, composto com telhas diferentes, enquanto o setor dois é incorporado junto ao terceiro. Essas coberturas são sustentadas por treliças metálicas apoiadas nas paredes laterais do prédio.

O edifício foi entregue em Janeiro de 1909 e inaugurado em fevereiro deste mesmo ano. A partir de 1914, o edifício sofreu algumas intervenções buscando sua conservação, segurança e adaptação das dependências às exigências sanitárias. Em 1933, ocorreu uma grande reforma estrutural e estética, com destaque para o redesenho da fachada em es-



Figura 25: Imagem do relatório de 1920 da diretoria mostrando a fachada original | nº 27943/CONDEPHAAT/90; p. 47a.

tilo Art Déco²⁵, estilo muito utilizado na arquitetura brasileira da época, produzindo uma fachada despojada e com ares de modernidade (considerando a época da alteração). Devido a essa alteração, é notória a divergência de estilos entre esta fachada principal e as restantes que, apesar de não comprometer todo o conjunto, não guarda qualquer relação com o restante da construção, resultando em uma iniciativa que gerou perdas formais para o edifício. Nessa reforma, as paredes do andar térreo foram derrubadas e em seu lugar erguidas colunas de sustentação da laje do salão Celso Garcia. As antigas salas do corpo principal cederam lugar a um único salão destinado ao atendimento público e em 1989, a ala esquerda desse novo espaço teve seu pé direito subdividido para dar origem à um mezanino. As lojas perderam suas aberturas para a rua e foram incorporadas ao espaço interno do edifício. No andar superior, cobriu-se o terraço que, com o piso rebaixado, transformou-se em salão. A antiga sala da diretoria foi transformada em duas salas para escritório e um hall de entrada para o Salão Celso Garcia. Além disso, as antigas janelas foram substituídas por vitrais com temas

25 Art Déco (arquitetura): estilo decorativo de artes aplicadas, desenho industrial e arquitetura caracterizada pelo uso de materiais novos e por uma acentuada geometria de formas aerodinâmicas, retilíneas e simétricas. - OLEQUES, Liane Carvalho. "Art Déco"; Info Escola. Disponível em <<https://www.infoescola.com/movimentos-artisticos/art-deco/>>. Acesso em 23 de Maio de 2019.

centrais alusivos às artes e ciências, valorizando ainda mais o espaço do salão.

O fato de o edifício ter sido submetido a sucessivas alterações não significa que este tenha sido projetado de forma subdimensionada em relação ao programa proposto. Pelo menos originalmente, a construção foi considerada não só adequada como até sofisticada para uma associação de ajuda mútua, dispondo de acomodações para um atendimento adequado ao seu quadro associativo. Porém, não se esperava uma expansão gradativa do contingente a ser atendido. A associação chegou aos anos 90 com mais de 90.000 associados em quase cem anos de existência, somando-se isso ao fato de que o terreno não comportava ampliações, devido às suas dimensões reduzidas e a alta taxa de ocupação. Desta forma, só restava promover reformas no próprio edifício como forma de contornar o problema.

A vida dessa construção foi marcada, ao longo dos anos, por uma série de intervenções que acabaram por descaracterizar quase que integralmente sua morfologia original. Da obra ini-

cial, pouca coisa restou, salvo pela antiga sala de leitura, nos fundos do térreo, que passou a sediar a sala Lourenço Gomes em 1933, e o salão Celso Garcia, no pavimento superior. Ambos restaurados em 1989. Sua trajetória acompanhou o desenvolvimento das lutas operárias e constituiu uma referência nesse assunto. A partir do final da década de 20, o descenso do movimento político e cultural, refletiu-se na associação que tendeu a



Figura 26: Imagem dos novos vitrais do Salão Celso Garcia I nº 27943/CONDEPHAAT/90; p. 107. | Foto tirada por Vitor Campos.

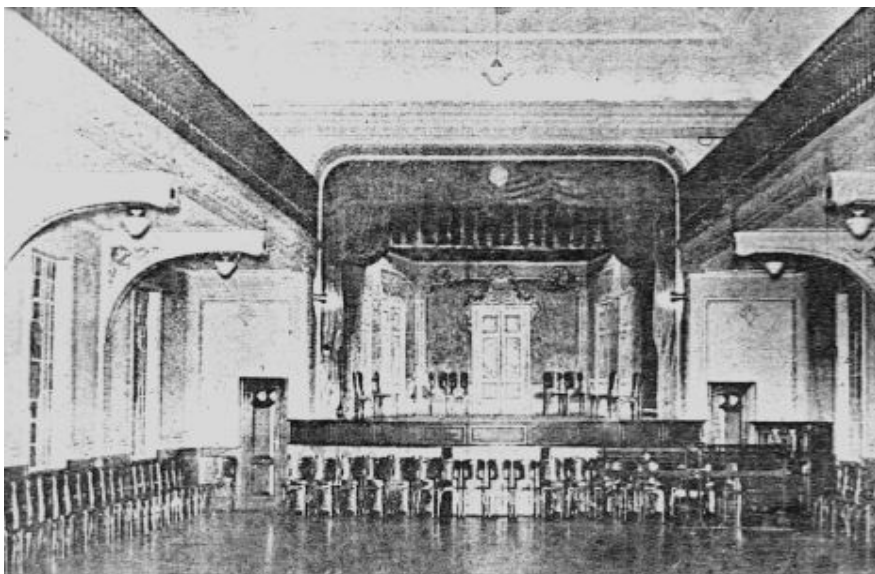


Figura 27: Imagem do Salão Celso Garcia original, relatório da diretoria 1921 I nº 27943/CONDEPHAAT/90; p. 62.



Figura 28: Imagem do Salão Celso Garcia após reformas, 1921 I nº 27943/CONDEPHAAT/90; p. 111. | Foto tirada por Vitor Campos.

perder o caráter de entidade engajada com as lutas sociais. No entanto, sua importância como portadora de algumas tradições mutualistas permaneceram por muitos anos presentes em suas atividades, fazendo da associação um objeto de interesse cultural.

O processo de tombamento foi solicitado e iniciado pelo Centro de Memória Sindical em 1990, com a principal justificativa de que o local havia sido um espaço de grande convivência de artistas e políticos, principalmente quando os trabalhadores participaram ativamente na luta por direitos trabalhistas e sindicais durante os diferentes momentos da política brasileira. A classe, enquanto sociedade significa um marco da vontade e determinação dos operários da construção civil. Desenvolviam-se atividades que, unindo a formação e o entretenimento, caracterizavam a cultura operária do período e estreitavam os laços de convivência e solidariedade entre os membros de uma mesma classe. Esse sentimento de pertencimento de algo e algum lugar eram muito fortes nos trabalhadores e



Figura 29: Imagem nova fachada em Art Déco. I nº 27943/CONDEPHAAT/90; p. 107. | Foto tirada por Vitor Campos.

o fato de que teriam auxílio caso acontecesse algo, fazia com que defendessem a associação e seus objetivos com todas as suas forças. Tombar o espaço em que ele está contido, portanto, correspondia ao reconhecimento da importância do fazer político e cultural da classe operária, cuja memória estava e está desaparecendo pouco a pouco. E oficializado em Outubro de 1995 pelo CONDEPHAAT.

O tombamento do edifício não foi apoiado totalmente em seus atributos arquitetônicos, uma vez que, sua configuração atual não com-



Figura 30: Imagem entrada. I nº 27943/CONDEPHAAT/90; p. 107. | Foto tirada por Vitor Campos.



Figura 31: Imagem térreo após derrubada das paredes internas e criação de um novo nível. I nº 27943/CONDEPHAAT/90; p. 106. I Foto tirada por Vitor Campos.



Figura 32: Secretaria no térreo após as reformas de 1933. I nº 27943/CONDEPHAAT/90; p. 59.

porta mais a sua unidade compositiva original. A construção se apresenta carente de integridade física, fruto das sucessivas transformações pelas quais passou. Desta maneira, o edifício foi perdendo sua importância enquanto exemplar arquitetônico de um período da cidade de São Paulo, marcado principalmente pela qualidade de mão de obra. Pode-se dizer que da mesma maneira que o edifício foi alterado, sem nenhuma consideração com o seu traço e estilo original, era a forma com que se tratavam os edifícios da cidade de São Paulo (e ainda são tratados): descaracterizando o existente para que seguisse a “onda arquitetônica” na qual estava passando pela cidade.

Em meados da década de 2000, a Associação deixou de desempenhar a função de sindicato, fechando suas portas para este uso. A Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas se transformou em um convênio médico particular, desvinculando-se com a função voltada apenas para os proletariados e, após alguns anos, mudando seu endereço para a Rua da Consolação. No ano de 2012, a Agência Nacional de Saúde Suplementar, a ANS, estabeleceu o Regime de Direção Fiscal na associação, com o objetivo de investigar uma série de denúncias de falta de qualidade no atendimento aos funcionários. Essa medida impediu que o sindicato pudesse vender novos planos, porém a associação ainda estava ativa no mercado. Após dois anos, o grupo anunciou uma série de suspensões nos seus ativos e continuou funcionando apenas com os serviços de enfermagem, porém, hoje em dia, voltou com a venda de convênios médicos. Em compensação, o edifício permaneceu em pé e foi tombado, por pedido do Centro de Memória Sindical, em 1995, no qual foi aceito. A associação permaneceu ainda um tempo utilizando este e depois da transferência de sede, o edifício não abrigou nenhum novo uso e permaneceu fechado.

Após já estar desativado, em fevereiro de 2008, o edifício foi alvo de um grande incêndio que resultou na destruição total interna, sobrando apenas à estrutura da fachada e das paredes. Até hoje não se sabe ao certo o que iniciou o fogo, porém, o espaço foi fechado por tempo indeterminado. A perícia constatou que o fogo iniciou no forro do Salão Celso Garcia, devido ao acúmulo de fuligem. A sala de reuniões, situada abaixo do piso do palco onde a estrutura era de madeira, sofreu danos consideráveis com o colapso daquela estrutura e, conseqüentemente, do forro de estuque decorado. Foi contestada por meio de vistorias que a estrutura do edifício não sofreu nenhum abalo, apenas a destruição de seu interior. Porém, nunca se fez nada em relação a isso. O edifício encontra-se fechado, em desuso, abandonado e em estado precário.

O trabalhador como agente social, por muitos anos foi negligenciado pelos poderes público e grande parte dos documentos sobre suas lutas e memórias foram destruídos, muitas vezes por forças policiais, por representarem repressão e questionamentos sobre as políticas do país. Portanto, são escassos os documentos que representam toda essa época e luta que fazem parte da história e do patrimônio cultural, tanto dos trabalhadores quanto

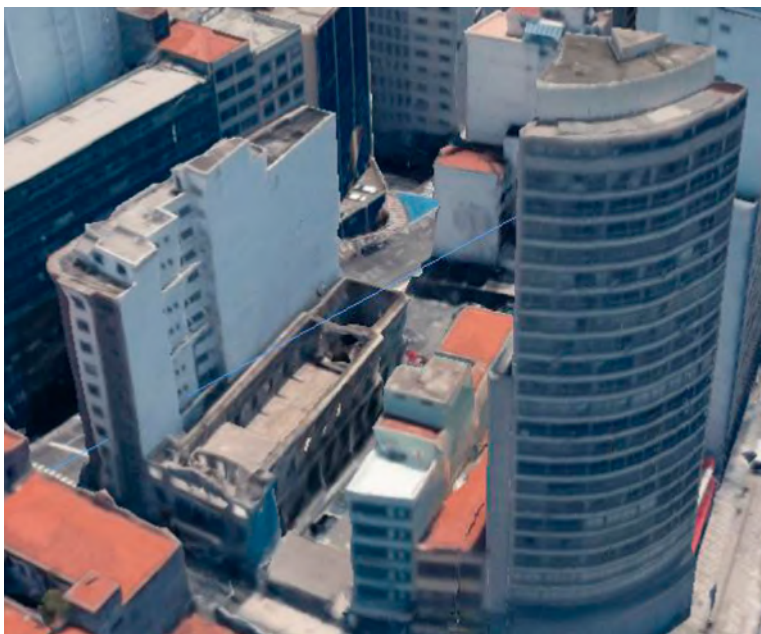


Figura 33: Imagem de satélite (Google Earth) mostrando o edifício sem sua cobertura, desde o incêndio até os dias atuais - Acessado em Abril de 2019



Figura 34: Fotos da visita técnica pós incêndio, 2008. I nº 27943/CONDEPHAAT/90; p. 174.

da cidade de São Paulo. Desta forma, o que resta de memória é o próprio edifício, que abrigou por muitos anos essa Associação e as histórias contadas do “boca a boca”. Porém, está última é facilmente caída no esquecimento com o passar dos anos, pela falta de representantes desta época e pela falta de um marco, material e arquitetônico, que mantenha essa memória viva.

Com isso, a opinião da historiadora Marly Rodrigues²⁶ simplifica a necessidade de conservação do edifício, que em seu parecer (folha 52, parágrafo 2º dos Autos no pedido de tombamento) salienta que “o mérito do edifício não consiste nos ‘aspectos formais’ da construção e sim ‘no significado contido nos espaços’”. Por outro

lado, se considerarmos o valor de representatividade 'da vontade e determinação dos operários da construção civil', expresso na materialidade de obra construída, somado a importância que aquele espaço adquiriu enquanto agenciador de manifestações culturais e políticas próprias da classe operária, a questão assume uma dimensão que extrapola, em muitos, aspectos meramente tectônicos”.

CAPÍTULO IV

RESULTADO PESQUISA:

ASSOCIAÇÃO DAS CLASSES LABORIOSAS x ESTUDO DE PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DO EDIFÍCIO

Este trabalho fundamenta-se tendo em vista as Cartas patrimoniais (Carta de Veneza, Carta do Restauro de 1972, Carta de Florença, Declaração de Amsterdã e Conferência de Nara), a teoria da restauração por Cesare Brandi, o restauro crítico e a conservação integrada por Choay e Jokilehto. Optou-se, como partido, em princípios baseados na atualização contemporânea do bem histórico, com aproveitamento máximo da matéria existente e da forma e sua técnica construtiva. O restauro busca preservar a autenticidade e a integridade do conjunto existente, com o objetivo do resgate da memória e permanência do bem cultural no tempo e espaço. O uso de materiais e técnicas compatíveis que remetam a memória do existente e intervenções para adaptação ao uso contemporâneo é utilizado primordialmente. “Ficou-se demonstrado que as construções antigas podem receber novos usos que correspondam às necessidades da vida contemporânea” (Declaração de Amsterdã, Outubro de 1975). A citação anterior embasa a importância do restauro e conservação do edifício, visto que o mesmo é importante na formação urbana da história da cidade de São Paulo. O restauro do prédio existente trata-se, neste caso, de resgatar a importância da cultura operária e dos trabalhadores da construção civil que, naquele momento, guardavam a força dos que edificavam esta grande cidade, buscando uma identidade própria. E, posteriormente, representaria todos os trabalhadores e suas lutas travadas contra as condições de trabalho precárias e insalubres daquela época. O projeto busca resgatar e reconhecer valores culturais próprios da classe operária, sistematicamente negligenciados pela cultura social em nosso Estado. Palco de intensas e relevantes atividades operárias e sindicais, ponto de referência significativa na trajetória das lutas proletarizadas paulistas que merece

ser preservado por ser um símbolo na história da organização e cultura dos trabalhadores de São Paulo.

Apesar de já ter sofrido diversas alterações nos anos interiores, hoje, o projeto inicial somado aos projetos de reforma são os que moldam a história do edifício. Desta forma, não se deve descaracterizar mais ou mesmo voltar para o projeto inicial, deve-se ponderar e analisar com muito cuidado o que será mantido ou modificado sem que perca seu caráter.

Assim sendo, propõe-se como novo uso para o edifício existente, de forma que resgate seu passado, a instalação de um Museu da Imigração Portuguesa, que abranja o período da forte onda de imigração, a instalação da população e as atividades realizadas e a forma de viver que foram cruciais para tantas outras, como o advento de técnicas e mão de obra especializada na construção civil, que de uma maneira ou de outra, deram início às associações trabalhistas de auxílio mútuo. Como composição do programa principal, propõe-se também uma área voltada inteiramente para a história da Associação Auxiliadoras das Classes Laboriosas e do edifício em questão. Além disso, como suporte, salas de curadoria, café e restaurante, área administrativa e salas para workshops, já que a associação tinha como preocupação, além da saúde, a educação e cultura de seus associados. Logo, com a instalação de salas seria possível a promoção de eventuais aulas e cursos pela própria instituição, ou disponibilizando para aluguel estes espaços por outras instituições.

Atualmente, o terreno onde o edifício está localizado o prédio a ser restaurado é rodeado, no seu lado esquerdo e nos fundos, por terrenos que são utilizados como estacionamento. O terreno lateral possui saída para a Rua Roberto Simonsen, onde está localizada a entrada principal do edifício existente enquanto o outro terreno, para a Rua Venceslau Brás. Deste modo, o projeto de estudo busca utilizar estes terrenos para ampliação do uso e melhor espacialização do programa de necessidades. Com a adição destes dois terrenos ao edifício existente, notam-se algumas possibilidades que nortearão a implantação do edifício: a possibilidade de criar ponto de encontro e de acesso às ruas para os transeuntes, e novos fluxos para dentro do terreno. Desta maneira, o

transeunte poderia ir de uma rua a outra passando por dentro das instalações, percorrendo um caminho e valorizando o uso do complexo. Outro fator que é crucial para a tomada do partido é o grande desnível presente, de quase sete metros. Esta diferença de nível proporciona a criação de acessos por diversos pavimentos, criação de visadas diferenciadas para os edifícios, tanto de dentro do complexo quanto da rua e, interligações em níveis. Com o intuito de manter as fachadas do prédio da antiga Laboriosa o mais evidente possível, optou-se por implantar os novos edifícios nos limites dos novos terrenos criando espaços de permanência e circulação permeando por entre as construções, valorizando os desenhos da fachada pré-existente e possibilitando boa iluminação e ventilação no complexo. Além disso, constata-se que o edifício em questão é o mais baixo do quarteirão e pelo fato das construções não terem recuo, essa grande diferença de gabarito fica ainda mais evidente. Analisando as fotos tiradas em campo, percebe-se quase um “sufocamento” do prédio.

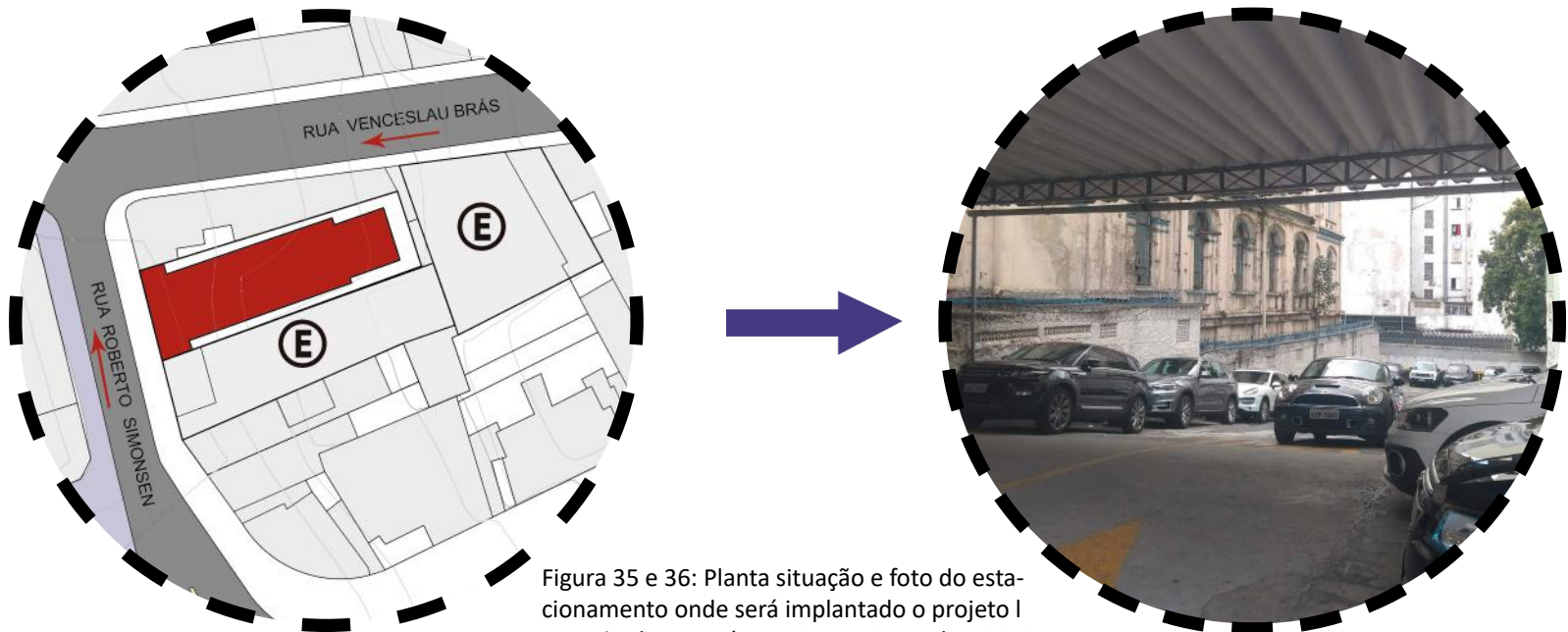


Figura 35 e 36: Planta situação e foto do estacionamento onde será implantado o projeto I
Foto tirada por Laís Paraizo em Setembro 2018

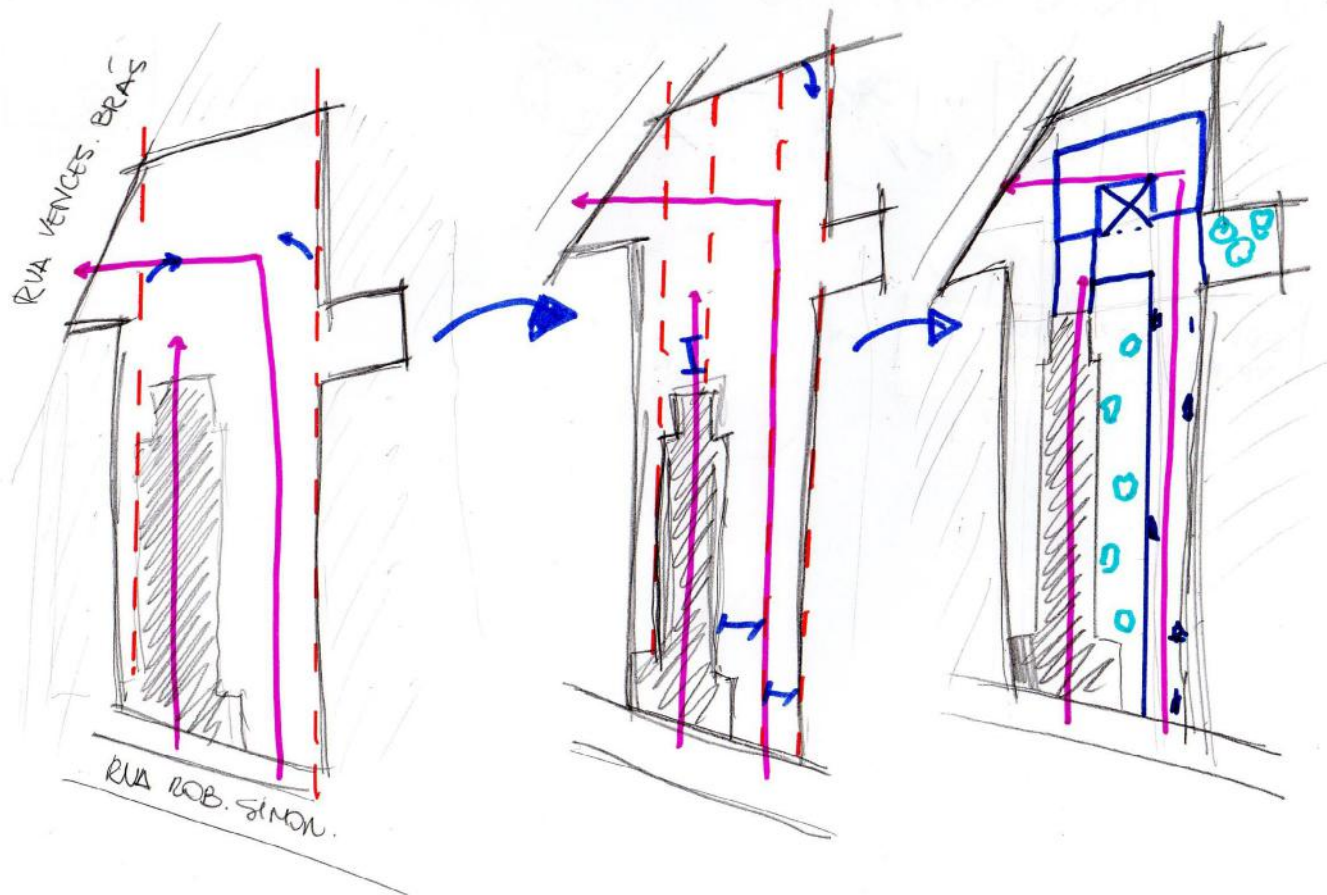
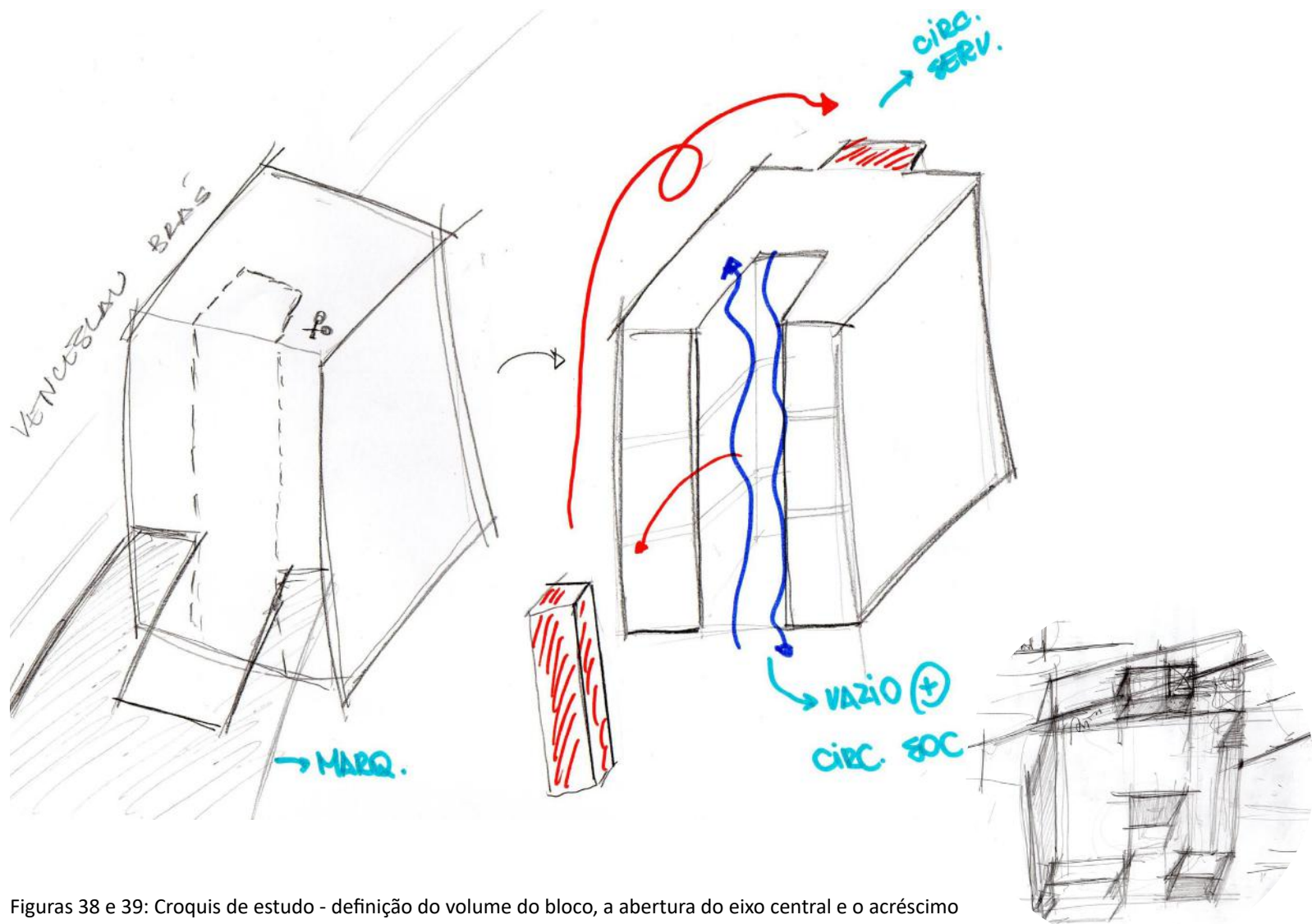


Figura 37: Croqui de estudo - definição das linhas importantes do conjunto (à esquerda, do edifício existente e, à direita, do limite do lote) para dar forma ao segundo bloco e ao vazio central; definição dos fluxos (setas rosas) que se pretende e as conexões I de Laís Paraizo, 2019.



Figuras 38 e 39: Croquis de estudo - definição do volume do bloco, a abertura do eixo central e o acréscimo de um pequeno bloco para circulação vertical no fundo do objeto I de Laís Paraizo, 2019.

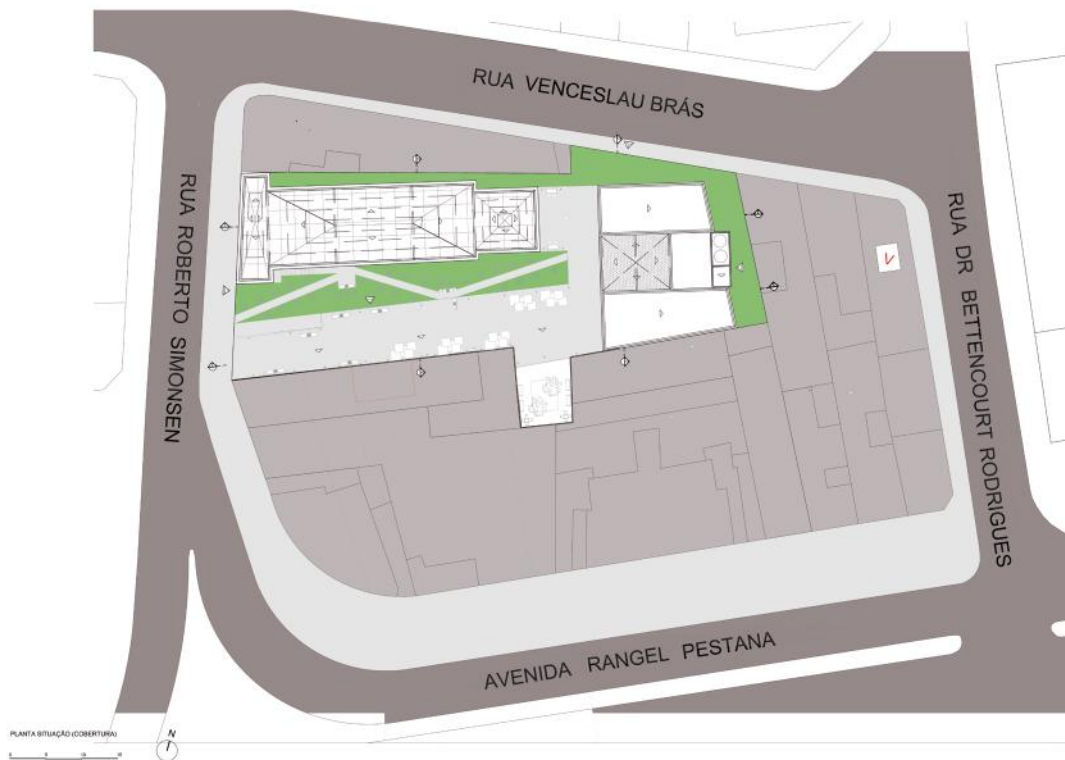


Figura 40: Planta cobertura do projeto proposto mostrando a espacialização dos blocos | Projeto de Laís Paraizo, 2019.

Para espacialização do programa foi proposto a implantação de mais dois blocos na área, totalizando três no complexo todo. No edifício da antiga associação, optou-se por manter a estrutura existente que foi contestada que não estava abalada, porém, devido ao fato de ter sofrido incêndio e anos de desuso, se propõe o restauro e reforço da estrutura das paredes de alvenaria portante de tijolos. No desenho das plantas foi mantido em todos os pavimentos o eixo axial da circulação vertical, o bloco de circulação vertical que conta com duas escadas e o bloco de banheiros. No pavimento térreo, permaneceu o salão de entrada principal, que foi aberto após as intervenções, como recepção do museu. O corpo principal do pavimento térreo e subsolo foram subdivididos, como

no projeto inicial, com alvenaria criando salas: no térreo, as salas foram voltadas para exposição permanente sobre a Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas e a história do edifício, enquanto as salas do subsolo, de acesso restrito apenas para pessoas autorizadas, voltadas a curadoria, armazenamento de materiais, documentos e peças importantes, e, sala de quarentena, próximo a saída pela facilidade de carga e descarga de objetos. Ainda no térreo, a antiga sala Lourenço Gomes deu espaço para a instalação de um café cujo nome original foi mantido, com saída para o terraço que interliga os prédios (a seguir será mais detalhado o que é este terraço e sua função).

Passando para o primeiro andar, com o intuito de manter o salão Celso Garcia, foi proposto que neste pavimento e no mezanino fosse mantida a planta livre e que recebesse as exposições temporárias que, dependendo da necessidade, fosse feito o layout. A única grande mudança foi a retirada dos camarins no fundo para a ampliação do espaço em questão. A cobertura existente foi consumida por inteira pelo fogo que assolou o prédio em 2008, desta forma, propôs uma nova cobertura translúcida. Esta nova cobertura de polipropileno²⁷ com estrutura metálica é apoiada em pilares

27 Polipropileno é um polímero 20% mais leve que o vidro, pode ser translúcido, mais resistente e não retém muito o calor, evitando o efeito estufa



Figura 41: Corte D-D - Evidencia a relação entre o edifício existente e o bloco administrativo, e o terraço, que conecta todo o complexo | Projeto de Laís Paraizo, 2019.

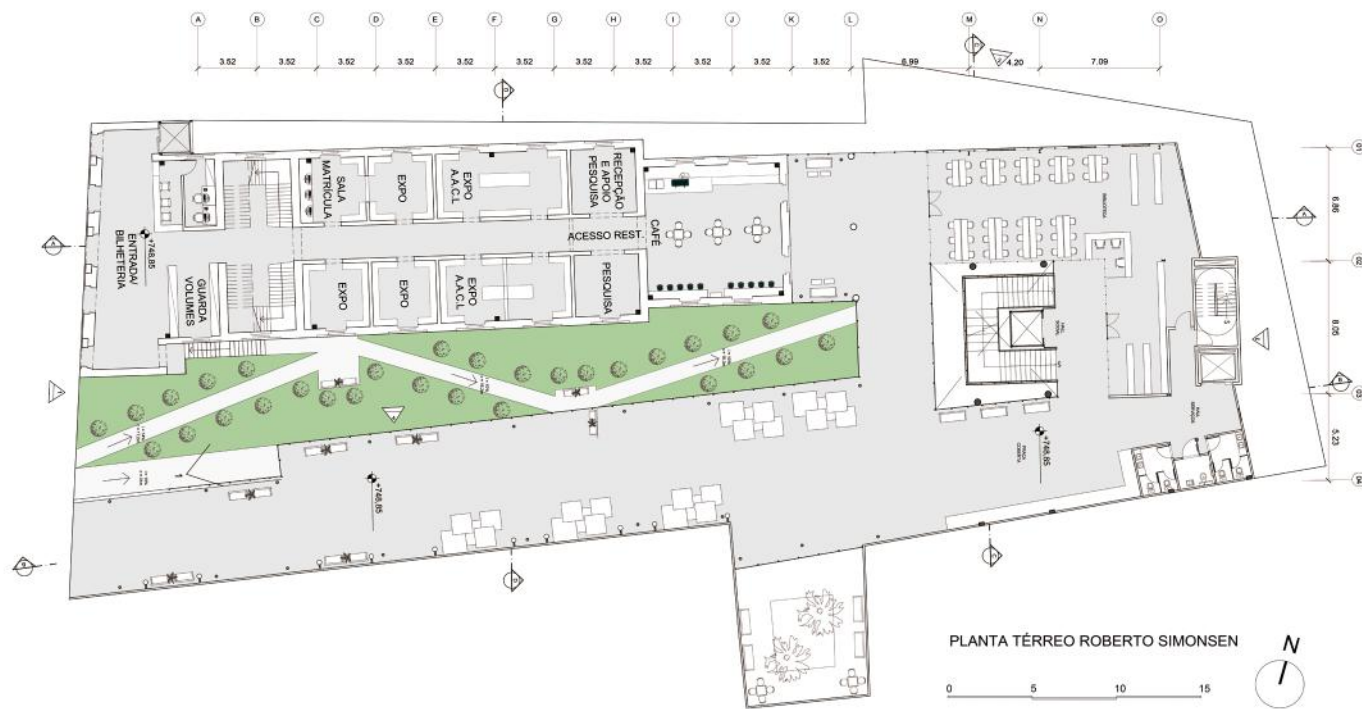


Figura 42: Planta Térreo (Rua Roberto Simonsen) | Projeto de Laís Paraizo, 2019.

secundários, projetados para apenas apoiar a cobertura e não utilizar da estrutura existente, afim de que não a sobrecarregue. Segue o mesmo desenho do projeto inicial, com os diferentes telhados e altura para cada setor da planta (setores comentados previamente no capítulo três). A cobertura translúcida conta com uma estrutura de trilho elétrica com placas opacas para o controle da entrada de luz e raios de sol, para que as exposições não sejam afetadas e seja feito o fechamento com mais facilidade. Vale lembrar que a entrada de Sol é diminuta devido a grande diferença de gabaritos entre os prédios ao redor. Sobretudo, é proposto o restauro dos vitrais das janelas e dos itens internos que restaram, fachadas repintadas seguindo suas cores originais e ajustes dos adornos e peças que estejam danificadas ou faltantes na composição das fachadas.

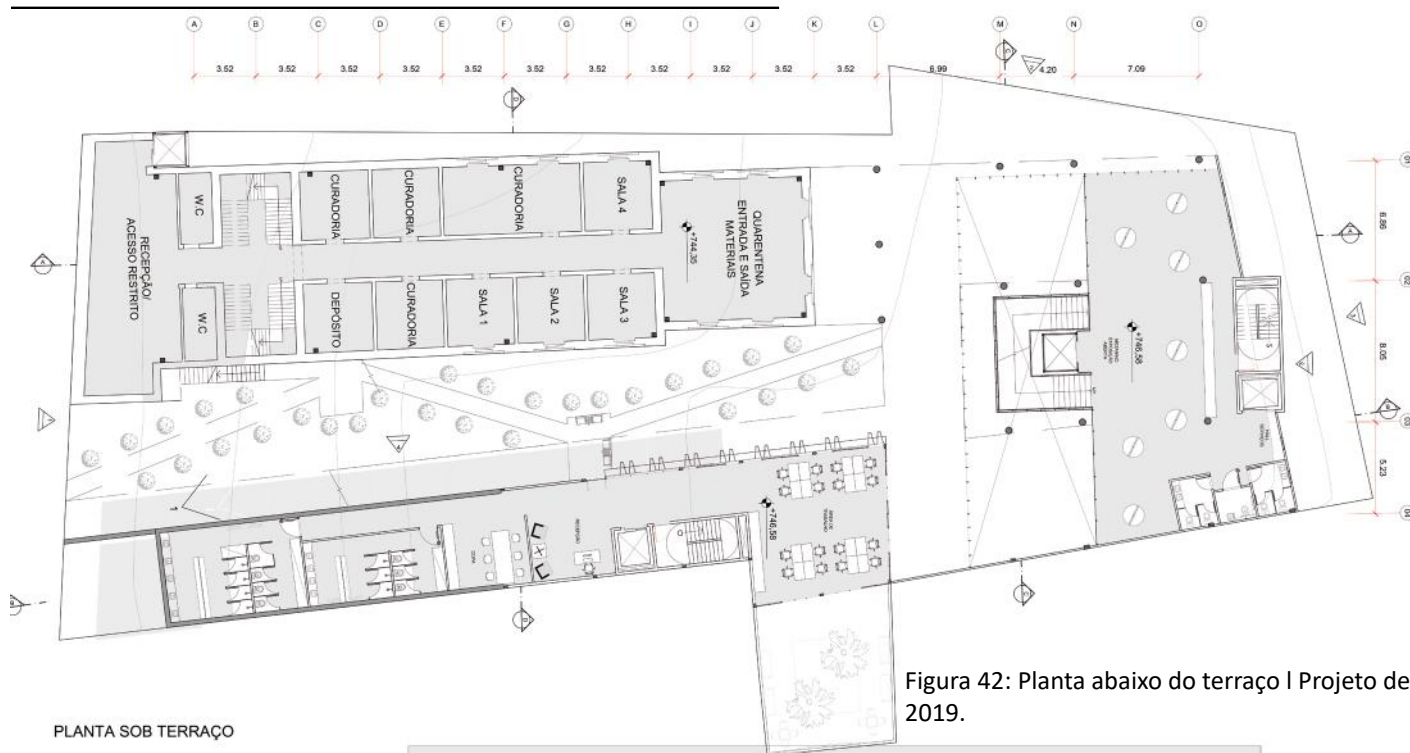


Figura 42: Planta abaixo do terraço | Projeto de Laís Paraizo, 2019.

PLANTA SOB TERRAÇO

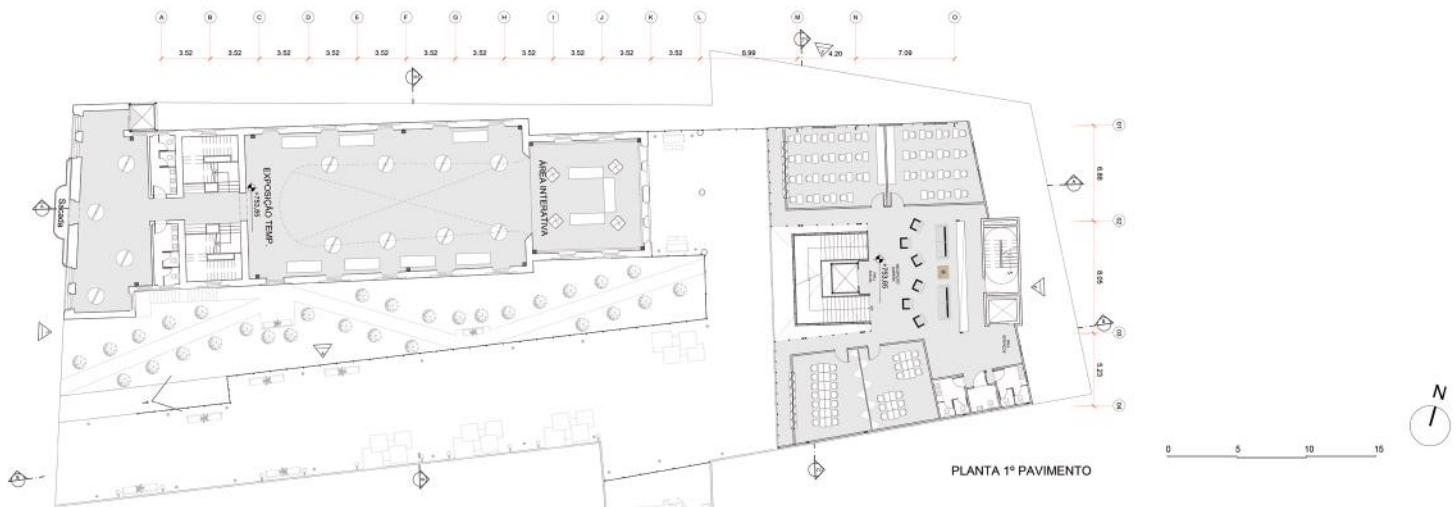


Figura 43: Planta 1o pavimento | Projeto de Laís Paraizo, 2019.

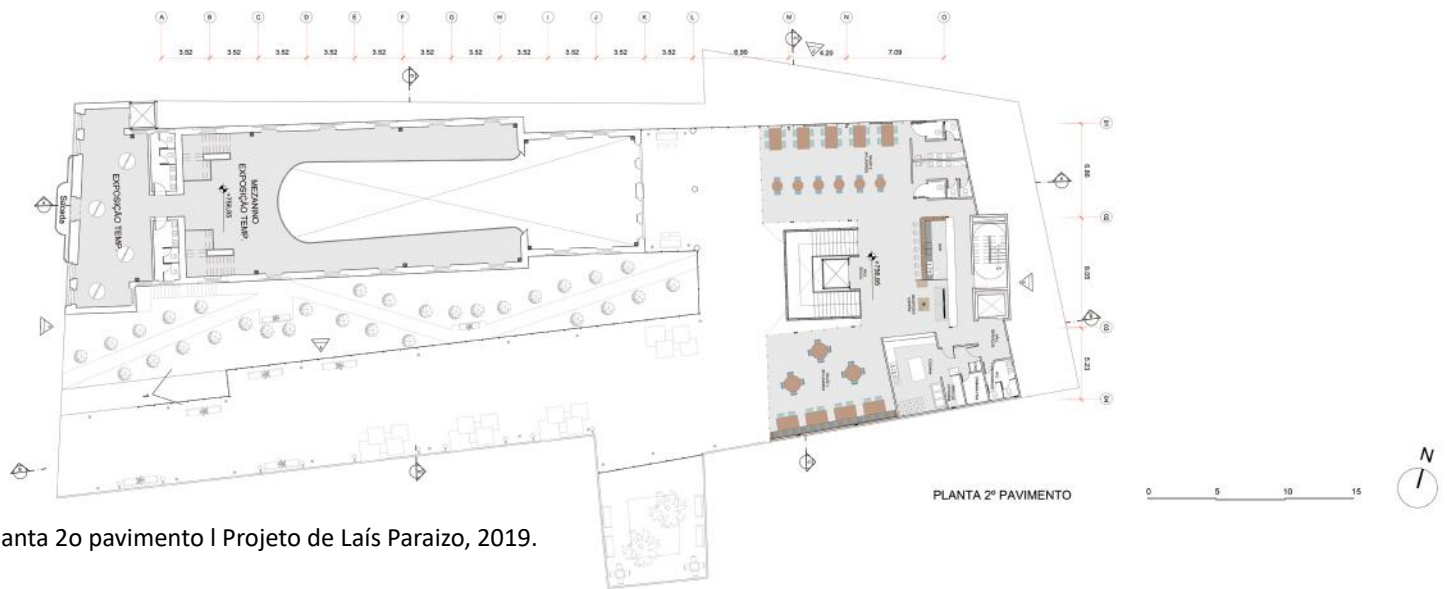


Figura 44: Planta 2o pavimento | Projeto de Laís Paraizo, 2019.



Figura 45: Planta Térreo Venceslau Brás | Projeto de Laís Paraizo, 2019.

Apesar da falta de informação em relação à cor original do prédio conclui-se que o azul que marca a fachada em Art Déco hoje em dia não seja o original e nota-se que a fachada voltada para os terrenos dos estacionamentos (que serão incorporados ao projeto) possui tons de amarelo ocre, muito utilizado em construções datadas do século XIX. Desta maneira, torna-se necessário a contratação de uma equipe especializada em Restauro e Patrimônio Histórico para que seja feito a raspagem de um pedaço do edifício e constatado qual a sua cor original, e assim, realizando a pintura segundo este resultado. Além destas intervenções, torna-se necessário a instalação de um elevador de estrutura metálica e com dimensões mínimas, no lado direito do edifício que é colado no prédio vizinho para que não haja interferência nas fachadas principais, para a circulação vertical de pessoas com mobilidade reduzida em todos os pavimentos.

O segundo edifício, localizado no fundo do terreno da Rua Venceslau Brás, se apresenta como um bloco de mesma altura do primeiro prédio, implantado com um pequeno recuo nos fundos e encostado no muro lateral. Seu desenho é fruto do prolongamento das linhas mais fortes do complexo: de um lado, a linha do prédio exis-



Figura 46: 3D volumétrico da entrada do terraço pela Rua Roberto Simonsen | Projeto de Laís Paraizo, 2019.

tente e do outro, a linha de divisa do terreno. Usou destas mesmas linhas que desenham o perímetro do prédio para criar um vazio no centro voltado para o miolo do terreno e neste vazio, foi instalada a prumada de circulação vertical principal, solto do restante. Este elemento é revestido por uma pele de vidro transformando a escada e elevador em elementos de contemplação do pré-existente. E nos fundos, lado oposto à caixa de vidro de circulação principal, é anexado um bloco de escada enclausurada e elevador, para serviços e rota de fuga. Ambos os elementos formam o desenho da arquitetura.

A entrada principal é feita pela Rua Venceslau Brás que é formado por um térreo livre, apenas com o centro de informações, bilheteria, guarda volumes e prumada de sanitários, com layout de praça. Nesta mesma cota da Venceslau, há mais duas entra-

das, voltadas aos autos: uma, atrás do novo edifício para chegada e retirada de materiais, que dá para o bloco de circulação de serviços; e outro, na ponta da pré-existência que dá para a sala de quarentena do pavimento de curadoria, para carga e descarga. Este pavimento conta ainda com um mezanino, há quase três metros acima, que inicia o setor de exibição do museu, voltado para obras de artistas independentes e esculturas. Prosseguindo para o andar acima, encontra-se o nível cuja laje conecta todo o complexo. Esta laje inicia no mesmo nível da Rua Roberto Simonsen, chegando ao novo edifício como primeiro pavimento e conectando no prédio das

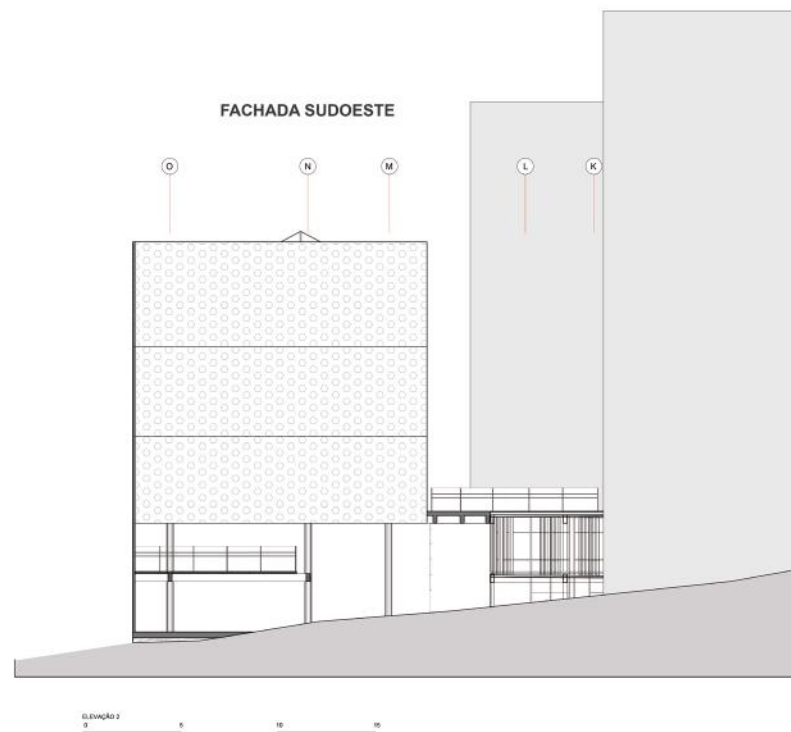


Figura 47: Elevação 2 - Entrada Rua Venceslau Brás | Projeto de Laís Paraizo, 2019.



Figura 48: Corte CC (bloco novo) - corte no vazio da circulação vertical social
I Projeto de Laís Paraizo, 2019.

existente, e do outro lado da caixa de vidro, por uma planta livre que continua com a função de praça, coberta dessa vez.

Nos pavimentos que sucedem este, a estrutura passa a ser mista com pilares e vigas metálicos e, laje de concreto, conectados de maneira simples, apenas por parafusos, assim como o encontro do pilar metálico com o de concreto. Os programas destes dois últimos pavimentos contam com salas de cursos e workshops, e um restaurante, respectivamente. No pavimento das salas, houve a preocupação de criar salas com estrutura mais rígida e salas com mais mobilidade, para que fosse possível a adaptação ao tipo de curso e quantidade de

Classes pelo café, representando um dos possíveis acessos para o espaço Lourenço Garcia. Pode-se concluir que, esta laje, além de conectora, inicia na Roberto Simonsen apenas como piso e conforme avança no terreno, passa a ser cobertura dos pavimentos abaixo, e é utilizada como passagem para a outra rua e área de permanência, já que é composta em toda sua extensão por mobiliário típico de praça, com bancos e arquibancadas. Esta laje é estruturada por muros de arrimo até o alinhamento de onde o edifício da laboriosa termina, passando a ser sustentada pelo sistema de pilares redondos de concreto e laje em grelha. Ainda neste mesmo nível, a planta que corresponde ao edifício proposto, é composta por uma biblioteca, voltada para o

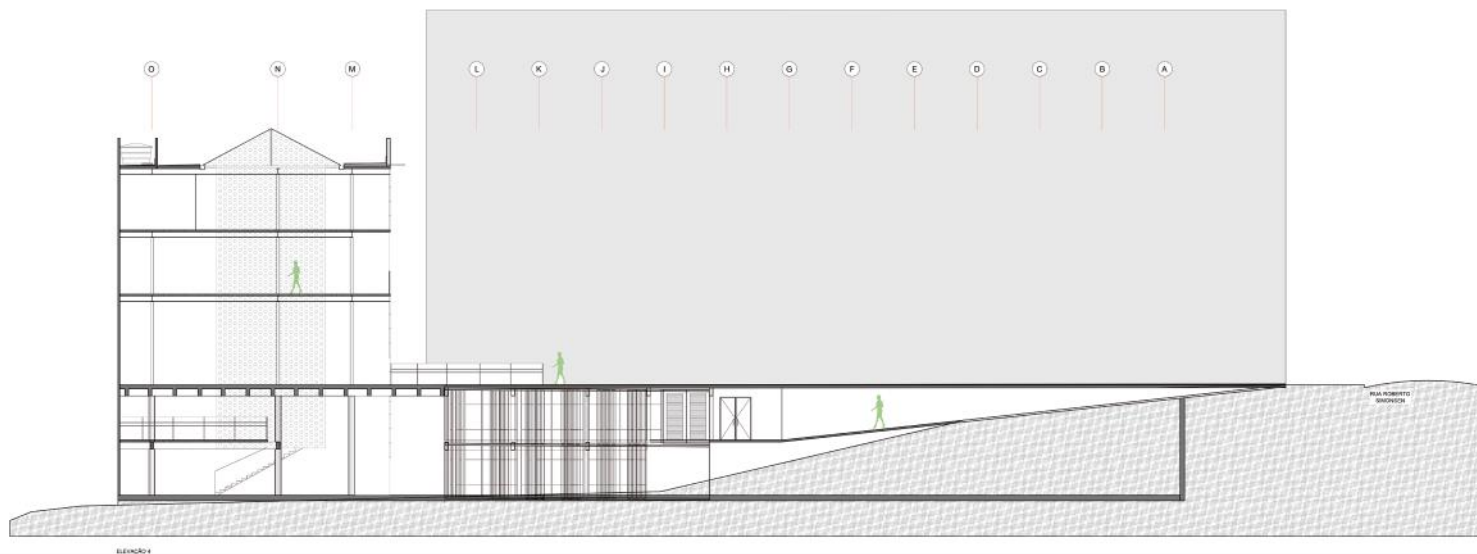


Figura 49: Elevação 4 - Nota-se a diferença de gabarito entre os edifícios propostos e os existentes. E além disso, mostra o terraço em nível na Rua Roberto Simonsen e chegando no pavimento superior do edifício novo, e, a fachada do bloco administrativo I Projeto de Laís Paraizo, 2019.

alunos. Também propôs a criação de um corredor entre o limite do edifício e as salas para, novamente, propor uma vista e contemplação para o edifício existente, e além de criar mais ventilação para as salas com abertura de janelas nesse lado. Enquanto isso, no pavimento do restaurante, criou-se dois salões em torno da estrutura rígida da escada e concentrou as áreas de serviço mais próximas a circulação de serviços. A cobertura é feita por laje plana impermeabilizada e no bloco de vidro, por uma cobertura de quatro águas em elemento translúcido, seguindo a mesma técnica utilizada no outro prédio. Os fechamentos foram feitos, quase que exclusivamente, por vidro, exceto na lateral voltada para a Rua Venceslau Brás onde foram utilizadas chapas metálicas perfuradas, a fim de que colaborasse na ventilação e iluminação dos ambientes. Optou-se pela predominância de vidro para que toda a atenção dos transeuntes fosse voltada para o edifício tombado, objeto principal do complexo.

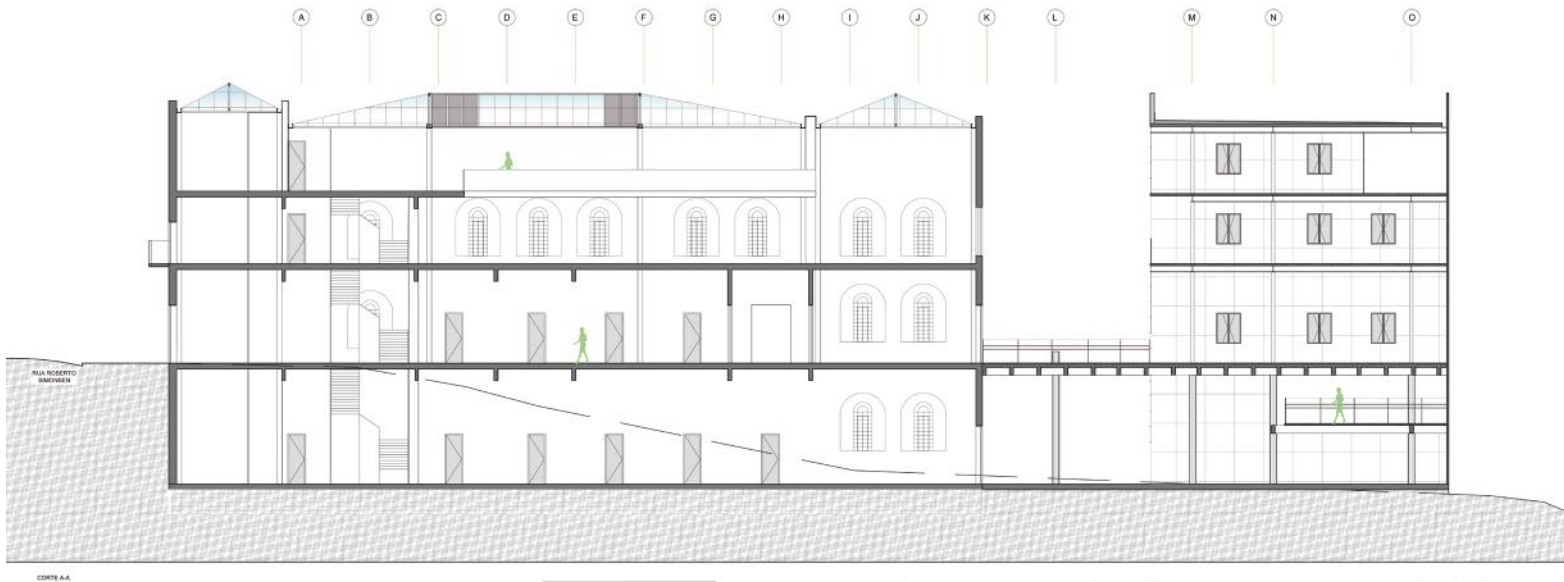


Figura 50: Corte AA - Nota-se a conexão entre os edifícios, novo e existente, pela marquise/terraço; e a cobertura proposta em propileno seguindo o desenho da cobertura que existia. | Projeto de Laís Paraizo, 2019.

Nota-se, ao longo de todo o edifício dois, a preocupação que se teve para que os elementos de apoio, como o bloco de circulação de serviços e os sanitários, não ficassem evidenciados na composição das plantas ao mesmo tempo em que ficassem interligados, pois seria onde teria mais circulação das pessoas do apoio e de materiais, sejam o lixo dos andares e restaurante ou do recebimento de alimentos e itens para a biblioteca.

O terceiro e último edifício encontra-se enterrado, nas cotas mais altas e no térreo da mais baixa, abaixo da laje conectora e consiste no bloco administrativo do Museu. Este prédio tem acesso por uma rampa ao lado da entrada da laje da Roberto e pelo nível do térreo da Venceslau Brás. O acesso é restrito e contam com sala de primeiros socorros (que possui acesso independente do restante do edifício e possibilita a entrada de auto até a porta), vestiários, copa, recepção, coordenação, diretoria, salas de reunião e um jardim de descanso para os

funcionários. A iluminação e ventilação dos ambientes que estão enterrados são feitas por aberturas zenitais na laje e que são protegidas pela mobília do terraço, desenhado exclusivamente para tal finalidade. À medida que o terreno vai “caindo”, aparece a fachada do edifício que é composto por fechamento em vidro e placas móveis de chapa de aço para o controle de iluminação, e proporciona para a construção uma certa movimentação. A estrutura é composta por muros de arrimo na frente e nas laterais, pelo fato de ter sua maior parte enterrada, e vigas de concreto que dão a sustentação da cobertura de laje impermeabilizada, que consiste na laje que se conecta à laje do prédio dois, compondo o elemento conector.

Entre o objeto de estudo e a laje que está no mesmo nível da Rua Roberto Simonsen, restou uma área e para que esta não se apresentasse como “residual” do projeto, decidiu-se criar uma praça em níveis. Esta praça seguiria o caimento normal do terreno e terminaria no nível do térreo da Rua Venceslau Brás, apresentando mais uma forma de acesso e permeio do lote. Ao longo desta praça, para que fosse acessível a todos, criaram-se rampas com declividades aceitáveis que terminam em patamares estrategicamente posicionados. O primeiro patamar encontra-se no início de uma escada secundária de acesso ao prédio que concentra a principal função de museu, tal acesso é voltado apenas para funcionários; o segundo patamar, em uma das entradas ao bloco de administração; e por último, no nível térreo. Esta praça em níveis é composta por áreas permeáveis com vegetação arbustiva baixa e rampas e patamares de piso seco, que possuem mobília para permanência. Com isso, se cria um percurso agradável e que se têm perspectivas únicas de todos os edifícios, podendo concluir que o complexo tem como maior foco e preocupação com as visadas internas, sendo apenas possível percebê-las ao passar por ele.

Sobretudo, a proposta não conta com estacionamento para que o acesso seja feito, primordialmente, a pé e por meio de transportes públicos, forçando desta maneira, a circulação dos visitantes pelo centro. Tal local, ponto de início da cidade, que abriga a bela história da cidade de São Paulo, com edifícios importantes e áreas extremamente agradáveis, que muitas vezes são vistas com descaso e preconceito. O uso intenso por pessoas

de diversas classes sociais, finalidades e horários, faz com que se “viva” mais essa área, e assim, o torne mais bem cuidado e mostre aos órgãos públicos que necessita de mais atenção, o espaço físico e a memória.

CONCLUSÃO

O trabalho apresentado tem como intuito, além da requalificação do espaço e restauro do edifício da antiga sede das Classes Laboriosas, apresentar como há possibilidades de intervenção em edifícios pré-existentes, atribuindo um uso contemporâneo e remetendo à história da cidade. Afinal, não podemos deixar que esse modo de agir como tem ocorrido em São Paulo desde os seus primórdios que consiste em derrubar o existente, considerado velho e ultrapassado, para dar lugar a um novo, que aparece para suprir as necessidade de um período e de um grupo de pessoas, perpetue. Possivelmente, se continuar desta maneira, os edifícios que consideramos modernos e atuais, daqui alguns anos, serão substituídos por outros mais modernos, e assim sucessivamente. Fazendo com que a cidade de São Paulo tenha uma história superficial e com pouco zelo de seus cidadãos, já que não se cria grandes vínculos com a cidade anterior.

A imagem da cidade de São Paulo é formada pela rápida mudança com que as coisas acontecem: rapidez com que os prédios são levantados, com que ruas são abertas e novos usos são incorporados. Contudo, essa é a fisionomia de uma cidade de memória curta e não guarda quase que nenhum testemunho de fases pelas quais passou. Tais fases muito importantes que resultaram em uma cidade extremamente complexa e única, com economia e produção cultural considerável. Logo, apesar de se poder considerar que essa é a composição da história e imagem da cidade, não se deveria, pelo fato de não ter preocupação com sua memória.

Este edifício foi escolhido, em especial, pelas suas características formais, pela sua localização, pelo fato de estar tombado, porém, em desuso, mas, sobretudo, pela sua história. Por ter sido de uma associação que reivindicou por direitos trabalhistas e que, de certa maneira, resultou nas regalias e direitos que temos hoje como trabalhadores, fruto da intensa luta desses proletariados. Deveríamos nos mostrar agradecidos e mostrar apreço por essas lutas já que hoje vivemos com os resultados destas. Por isso, a opção por um Museu da Imigração Portuguesa, população que deu início a essas lutas.

O edifício da antiga sede da Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas foi o objeto de estudo deste trabalho, no qual foi possível fazer diversas críticas ao sistema de conservação do patrimônio e a mentalidade da população, porém, poderia ter sido escolhido outros que se encontram na mesma situação, ou pior, do que este. Concluindo que muito já foi perdido nestes últimos séculos, contudo, ainda é possível resgatar o pouco que sobrou e cuidar da melhor forma para gerações futuras.

BIBLIOGRAFIA

- a. AB`SABER, Aziz Nacib. **Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo**. São Paulo: EDUSP, 1957. 343 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, 1957.
- b. AB`SABER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 159p.
- c. CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Portugal: Edições 70, 2000. 245p. (Arte e comunicação; 71) ISBN 9724410374.
- d. CHOAY, Françoise. **O patrimônio em questão**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2001. 183p. (Coleção Patrimônio). ISBN 9788580540345.
- e. LAGO, Pedro Corrêa do. **Iconografia paulistana do século XIX**. São Paulo: Metalivros, 1998. 184 p. ISBN 85-85371-20-X.
- f. REIS FILHO, Nestor Goulart. **São Paulo: Vila Cidade Metrópole**. São Paulo: Ministério da Cultura, 2004. 259p.
- g. REIS FILHO, Nestor Goulart. **São Paulo e outras cidades: produ o social e degrada o dos espaços urbanos**. São Paulo: Hucitec, 1994. 215p. (Cole o estudos urbanos; série arte e vida urbana).
- h. TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo: três cidades em um século**. 2. Ed. Aum. São Paulo: Duas cidades, 1983. 180p.
- i. Resolu o de tombamento do edifício da antiga sede da Associa o das Classes Laboriosas (n  27943/CONDEPHAAT/90).

- j. Resolução de tombamento do perímetro do Vale do Anhangabaú (nº06/CONPRESP/91).
- k. Site: <http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/> - Acessado em Agosto de 2018.
- l. Site: www.saopauloinfoco.com.br/rio-tamanduatei/ - Acessado em Novembro de 2018.
- m. Site: www.acervo.estadao.com.br/noticias/lugares/rio-tamanduatei,8349,0.htm – Acessado em Maio de 2019.
- n. Site: <https://www.infoescola.com/movimentos-artisticos/art-deco/> - Acessado em Maio de 2019.
- o. Site: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-indice.htm> - Acessado em Maio de 2019.
- p. Site: www.brasilecola.uol.com.br/historiab/greve-dos-300-mil-sao-paulo-1953.htm - Acessado em Junho de 2019.